



**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - FACS**  
**CURSO: PSICOLOGIA**

# **O ENIGMA DAS MULHERES QUE AMAM DEMAIS**

**MÔNICA DE OLIVEIRA ALMEIDA**

BRASÍLIA  
NOVEMBRO/2005

**MÔNICA DE OLIVEIRA ALMEIDA**

## **O ENIGMA DAS MULHERES QUE AMAM DEMAIS**

Monografia apresentada como  
requisito para conclusão do Curso de  
Psicologia do Centro Unversitário de  
Brasília – UniCEUB.

Professor Orientador: Dr. Fernando  
Luis González Rey.

Brasília/DF, Novembro de 2005

## **Dedicatória**

Dedico esta monografia às pessoas mais importantes da minha vida: minha família, meus pais: Fernando e Simone, as minhas irmãs: Fernanda e Evelyn.

De meus pais pelo amor, apoio, confiança, garra e pelos ensinamentos sobre a dádiva do ser humano e suas relações com a fantástica experiência de vida.

De meu pai pelo exemplo, carinho e apoio de uma excelência profissional que me incentivou em todos os momentos.

De meu amigo Bruno e sua família, pelo apoio, carinho e confiança.

De minhas amigas que me levaram a conhecer a necessidade da mulher de hoje e seus mistérios.

Principalmente a Deus pela saúde, força e por estar sempre comigo em todas as horas.

Sem todos vocês minha vida não seria tão rica e plena.  
Obrigada!!!

## **Agradecimentos**

***Pessoas grandes e queridas de minha vida:***

*Fernando Andrade, Simone Almeida, Fernanda, Evelyn, Tatiana, Sérgio, Lúcia Helena, Francisco, Bruno, Fernando Rey, Leonor, Geison, Janice, Leida, Moacir Rodrigues, Frederico, Danilo, Maurício, Cyntia, Lacy, Marcos Abel, Valéria e Sandra.*

***Não tenho como expressar em palavras meu sentimento de carinho, gratidão e amor. De alguma forma, vocês estiveram comigo nesses cinco anos de Psicologia, seja ensinando, torcendo, estudando, incentivando; em fim tocaram e mudaram algo em minha vida. Obrigada por tudo.***

***Beijos carinhosos,***

***Mônica Almeida***

## **Resumo**

O presente trabalho, teve como objetivo principal uma breve explanação do comportamento das mulheres que amam demais, suas causas, biológicas, sociais e psicológicas do senso-comum (auto-ajuda), que levam as mulheres a desenvolverem o comportamento de ter relacionamentos destrutivos, gerando uma co-dependência em relação ao parceiro e desenvolvendo o elemento compulsivo explanado pela psicanálise simbólica. A fundamentação teórica se baseou na influência da sociedade no comportamento da mulher, o que significa amar, o relacionamento dual, as características das mulheres que amam demais, as funções paternas, a relação pai e filha, o surgimento e explicação dada pela psicanálise sobre o elemento compulsivo. A metodologia escolhida para esta foi a pesquisa qualitativa sobre a subjetividade da experiência de amar demais e a compulsão na vida das mulheres que fazem parte do grupo Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA). Um ponto positivo, é o movimento de união das mulheres buscando uma reestruturação afetiva consigo mesmas e a busca de tomada de consciência a respeito da realidade sofrida pela obsessão por um homem. No relacionamento dual, foi identificado o que certas mulheres passam para manter a parceria, seja relacionamento conjugal ou filial. Deixam de serem elas mesmas para focarem sua vida no outro, no homem, no filho. Aprenderam a viver desta forma em relacionamentos e para sair é uma longa caminhada. Essas mulheres estão procurando apoio nos consultórios terapêuticos e nos grupos de auto-ajuda para se curarem de uma “Madísse”, termo utilizado por uma delas em observação do grupo, uma mania de amar demais. Convido o (a) leitor (a) a conhecer um pouco sobre esse lado do universo feminino.

## **Abstract**

This work had main objective a brief explanation on the behavior of women who love too much, its causes, biological, social and psychological of common sense (self-help), which leads women to develop self-destructive relationships behavior, creating co-dependence related to partner and developing the compulsive element explained by symbolic psychoanalysis. The theoretical fundamentals are based on the influence on women's behavior by society, what to love means, the dual relationship, the women who love too much characteristics, the parental functions, the father-daughter relationship, the appearance and explanation of the compulsive element by psychoanalysis. The chosen methodology to this research was the qualitative research on the subjectivity of compulsive in lives of women who are member of Anonymous Women Who Love Too Much Group. A positive aspect is the movement that unites women seeking affective re-building with themselves and the search for awareness of the hard reality of obsession for a man. In the dual relationship, it was recognized that some women pass in order to maintain the partnership, filial or conjugal. They stop being themselves to focus their lives on the other, man or son. They've learned to live this way and it's very hard for them to change it. Those women are looking for help in therapeutical offices and in self-help groups in order to be cures from “Madísse”, term used by one of them attending the group, the craze of loving too much. I invite the reader to know a little more of this side of women's universe.

## Sumário

<b>Introdução</b>	<b>6</b>
<b>Capítulo I</b>	<b>11</b>
<b>1. O amo e o amar demais: A influência da sociedade no papel da mulher</b>	<b>11</b>
1.1 Entendendo as diferenças no senso comum	16
1.2 Mulheres que Amam Demais	19
1.3 A relação com o Vício	21
<b>2. A importância das funções materna e paterna</b>	<b>23</b>
2.1 Função materna	24
2.2 Função paterna	25
2.3 A relação pai e filha	27
<b>3. Compulsão: Uma visão psicanalítica</b>	<b>36</b>
<b>Capítulo II</b>	<b>45</b>
<b>Metodologia</b>	<b>45</b>
<b>Análise da entrevista e do complemento de frases</b>	<b>52</b>
<b>Considerações Finais da Análise</b>	<b>64</b>
<b>Comentários Finais</b>	<b>65</b>
<b>Conclusão</b>	<b>69</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>71</b>
<b>Apêndices</b>	<b>73</b>

## **Introdução**

O presente trabalho tem como objetivo principal uma breve explanação sobre as causas, biológicas, sociais e psicológicas do senso comum (auto-ajuda) que levam as mulheres à amarem demais, enfocando a sua relação, com a explicação simbólica da teoria da Psicanálise que desenvolve a compulsão presente no comportamento. Trata-se de um tema muito complexo, porém extremamente interessante, pois à maioria das bibliografias são escritos por homens. Colocando-se como desafio de estudo inicial sobre os mistérios do universo feminino e sua sexualidade.

Será realizada uma pesquisa qualitativa como grupo Mulheres que Amam Demais Anônimas do Distrito Federal (MADA/DF), sobre como a compulsão interfere no social, na vida cotidiana dessas mulheres, através de questionários e entrevista com duas integrantes deste grupo de recuperação.

No século XXI, a nova mulher ficaria sentida se alguém a chamasse de tradicional! Contudo, apesar de suas novas atitudes e da luta para integrar seu novo papel na sociedade, ela tem ainda fortes e inconscientes ligações com o pensamentos e valores tradicionais de uma mulher (Rosis, 1983). O acolhimento, o afeto, a ansiedade, a angústia, a perfeição, entre outras, são sentimentos e funções femininas naturais.

Apesar da conquista no mercado de trabalho, com dupla jornada, casa, marido e filhos, a nova mulher se torna rígida e esquece dela mesma. A sociedade ainda não ensinou a elas que podem e devem primeiramente se ajudar para depois ajudar os outros. As novelas revistas e a mídia em geral incentivam que a forma de amar da mulher é somente enfrentado desafio, apoiando e modificando o homem,

ou príncipe encantado, para que possam viver felizes para sempre. Esse tema será abordado claramente no primeiro capítulo.

Duas amigas me abordaram numa situação de controladoras de seus parceiros, ciúme intenso, necessidade de ajudá-los, apoiá-los e perda de controle enorme com muita tristeza e sofrimento em seus relacionamentos. Nessa situação fui acompanhar uma delas ao grupo MADA/DF, onde percebi como essas mulheres em recuperação chegam a esse ponto. No caso de muitas delas, o fundamento de seu drama está numa relação comprometida com o pai. Podem ter sido feridas por um mal relacionamento com seu pai real ou pela sociedade patriarcal, que em si mesma, funciona como pai deplorável, desvalorizando culturalmente as mulheres. A partir dessa experiência percebi que os consultórios terapêuticos possuem uma grande demanda de mulheres que sofrem com relação aos seus parceiros, exatamente por amarem demais. Sua auto-imagem, sua identidade feminina, sua relação com o masculino e seu funcionamento no mundo dual vêm-se muitas vezes prejudicados. Fisiologicamente e emocionalmente as mulheres funcionam diferentemente do homem. São originadas de um grupo específico, onde possuem uma habilidade sentimental de dar e receber amor, carinho e compaixão. Reflexo de como ela está se sentindo com relação a si mesma (Gray, 1997)

No relacionamento dual foi identificada o que certas mulheres passam para manter parceria. Seja relacionamento conjugal ou filial. Deixam de ser elas mesmas para focar a sua vida no outro, no homem, no filho. Vivem em função da outra pessoa. A busca da realização está no bem estar do outro. Transmitindo assim seus valores, razões e objetivos para o acolhimento e satisfação do outro, esquecendo de sua própria identidade e realização própria. Esse é o amor incondicional que as mulheres aprendem, a necessidade de se doar sem limites.



Que mulher nunca passou por um relacionamento amando demais seu parceiro? Dando sem receber? O sofrimento que essa transferência ou projeção gera ter por consequência um elemento denominado compulsão. Identificado nas mulheres por volta dos 40 anos de idade (Reis, 1983). Essa particularidade da neurose chega muitas vezes atrapalhar a vida da mulher e seu cotidiano. Através da pesquisa qualitativa iremos verificar que fatores subjetivos interferem em suas vidas. Esses fatores irão elucidar porque as mulheres se sentem desamparadas, sozinhas, angustiadas, inseguras, deprimidas e medrosas quando ficam obsecadas pelo parceiro. E como lidam com a dinâmica da compulsão.

Um ponto positivo é o movimento de mulheres que buscam cada vez mais ajuda para encontrar a busca do equilíbrio e de sua auto-estima. Em uma sociedade em que a paternalismo e o machismo ainda predominam, permito me colocar um comentário dito por uma das integrantes deste grupo anotado durante o tempo de observação de pesquisa – “Essa união de forças femininas que acontece aqui é o modo como as mulheres encontraram de se levantarem e a ter valor nessa sociedade onde o poder do homem ameaça vários subgrupos, como crianças, negros, homossexuais, índios e idosos.” Na novela transmitida pela emissora Rede Globo, Heloísa é aconselhada a se tratar. Na vida real, algumas mulheres procuraram ajuda no grupo conhecido como *Mada (Mulheres que Amam Demais Anônimas)*. Classificado pelas próprias integrantes como uma "irmandade de mulheres que compartilham sua experiência, força e esperança", o Mada segue os preceitos dos Alcoólicos Anônimos, especialmente o lema "um dia de cada vez".

O grupo foi criado baseado no livro "Mulheres que Amam Demais", da autora Robin Norwood (1985). A psicóloga e terapeuta familiar, escreveu um livro baseado

na sua própria experiência e na experiência de centenas de mulheres envolvidas com dependentes químicos. Ela percebeu um padrão de comportamento comum em todas elas.

Os únicos requisitos para ser membro é ter o desejo de se recuperar e manter o grupo no anonimato. Fundado no dia 16 de abril de 1994, com uma reunião em São Paulo, o Mada não é filiado a nenhuma religião e nem se opõe ou defende nenhuma causa. O grupo se concentra unicamente na recuperação de suas filiadas e se mantém economicamente com a ajuda delas.

Em Brasília existe o Mada/DF. Elas aprendem a tomar consciência das experiências da infância e a não repetir esses comportamentos apreendidos na fase adulta, em seus relacionamentos, exatamente.

Será apresentado ao final deste estudo como esse grupo trabalha para lidar com a dinâmica do companheiro e a se dar valor.

## Capítulo I

### Fundamentação Teórica

#### 1 . O amor e o amar demais: A influência da sociedade no papel da mulher.

*Amar é encarar o outro de maneira real, simples, como o ser humano que de fato é. Amar nada tem de ilusório; é ver o indivíduo, vê-lo, mas não através de um determinado papel ou imagem que tenhamos planejado para ele. É dar valor à individualidade daquela pessoa, dentro do contexto do mundo comum.*

*Johnson ( 1983, p. 50 )*

No Dicionário Língua Portuguesa (Rios, 2000 p. 99), encontra-se a seguinte definição para amor: “*Afeição profunda, (2) Objeto dessa afeição, (3) Relação amorosa, (4) Entusiasmo paixão, (5) Inclinação sexual forte por outra pessoa, (6) Veneração, (7) Caridade.* “

Neste capítulo, serão abordados alguns fatores, que de uma maneira geral, atuam na construção do senso comum e familiar sobre a forma de amar da mulher.

Será visto como a cultura influencia em seu modo de aprendizado de conquistar o outro, a origem natural da forma que a mulher comum lida em suas relações pessoais. O que o senso-comum hoje diz sobre esse assunto para melhorar o entendimento da mulher que se projeta no outro? Quais são as características das Mulheres que Amam Demais apresentam e a importância de sua relação com a figura paterna (social e humanista). A compulsão gerada por este específico comportamento.

As novelas atuam em suas dramatizações a vitimização da mulher, as expectativas, angústias, a violência e medo que um relacionamento amoroso apresenta. A clássica metáfora dos filmes animados do Walt Disney, aborda para o público primeiramente infantil, o papel do herói e da princesa. A qual a metáfora da Bela e a Fera ilustra o papel de uma jovem bonita que conhece um monstro

repulsivo e assustador. E para salvar sua família da cólera dele ela concorda em viver com o mostro. E ela começa a amá-lo a apesar de sua figura animal e ele se transforma em um belo príncipe e viveram felizes para sempre. O papel da mulher na conquista sofrida e na mudança da figura masculina, no caso um monstro em um doce e amável príncipe encantado.

Este conto supõe culturalmente que podemos mudar uma pessoa para melhor através da força do nosso amor e a mulher tem obrigação de fazê-lo. Mas a realidade dos contos de fadas é bem diferente. A Cinderela foi dominada por uma madrasta perversa e condenada a viver como faxineira-arrumadeira do palácio até que o príncipe vem resgatá-la e viverem felizes. Outra personagem é a Bela Adormecida, que é humilde e bondosa e quando é enfeitiçada por uma bruxa a dormir para toda a eternidade somente o beijo do verdadeiro amor poderá despertá-la, e lá vem o príncipe salvar, se casam e vivem felizes para sempre (Norwood, 1985).

A partir desses exemplos citados acima, Leonard (1997), explica como a nossa cultura colabora para o papel da mulher, a qual a bondade, subordinação, anuência e obediência para com os maridos são valorizadas e impostas como “forma de matéria”. Dês da infância remota, o sexo feminino aprende que somente um homem, um herói vai lhe trazer segurança e proteção melhorando a sua vida. E dessa forma muitas os fazem em seus casamentos com a idéia de que somente através de um homem se tornarão princesas.

Voltando para o século passado, a imposição da mulher no mundo se iniciou, mas especificamente no direito ao voto conquistado em 1930. Com a revolução social feminina, após as guerras na década de 60, a mulher conquistou o direito ao trabalho fora de casa em quanto seus maridos estavam na guerra. Contestaram o sistema político do mundo com a queima de seus sutiãs, depois foi a descoberta da liberdade sexual através da pílula anticoncepcional e pós-seguinte na era informatizada, as mulheres hoje do século XIX estão proclamando tempo de mudanças e a tornarem donas da própria vida. Mas os conflitos nas relações amorosas sempre irão existir até que se entendam as diferenças de ambos os sexos da natureza humana. (Silva, 2001)

A sociedade autoritária e machista não mostra as mulheres que elas podem entender as diferenças da natureza humana. Diferente não quer dizer superior, nem inferior. Sem hierarquia e submissão. De que elas são donas de si e não dos outros.

As revistas femininas estão repletas de dicas e temas de como tornar o seu homem mais “arrumado”, como “modificá-lo para melhor e ter a felicidade ao lado de quem amam”, e assim por diante. Mencionando ainda, a imposição patriarcal de autoritarismo cultural onde a submissão e desvalorização do feminino, a reduz a um certo número de papéis ou de qualidades que existem não em função das experiências pessoais dela, mas subjugando-a pela força, não lhe permitindo seu crescimento de modo criativo a partir de sua própria essência (Leonard, 1997). Como vemos nitidamente no tratamento das mulheres nos países da África e da Ásia.

Vemos nas revistas, músicas, teatro e na televisão a dramatização do relacionamento amoroso entre uma mulher e um homem o qual tenha bastante sofrimento para conquistá-lo e serem felizes para sempre. O que de certo chama a atenção do público e aumenta assim o íbope e as vendas. O marketing usa e ensina o que é amar para o sexo feminino e assim para a maioria da sociedade. Só tem graça e emoção se a forma de amar significa sofrer, sentir dor, ficar doente e colocar em risco nosso bem estar e tranqüilidade. E até culturalmente no dito popular brasileiro: “O amor é uma dor”.

A cultura depõe a idéia que para se provar o amor tem de haver ciúme. Torna-se aceitável em nossa sociedade de que o ciúme é prova de amor e faz parte da vida. Sentimento de posse e poder. Um sentimento de insegurança comum a todos, mas síndrome para outros. O ciúme sempre desconfia de outra pessoa (Santos, 2000).

Acatamos que sofrimento seja um aspecto natural e que a predisposição ao sofrimento pelo bem do amor se forma uma característica mais positiva que negativa pela sociedade. A autora Norwood (1985, p. 87), comenta sobre o aspecto do romantismo empregado no amor sofrido:

*“Sofrer por amor como sendo viciada num relacionamento são fatos romantizados por nossa cultura. De música popular a ópera, de literatura clássica a romances mais suaves, de novelas a peças teatrais e filmes aclamados pela crítica, somos rodeados de inúmeros exemplos de relacionamentos não recompensadores e imaturos que são glorificados e exaltados. A intensidade do amor é medida pela dor que causa, e que aqueles que sofrem realmente amam realmente.”*

Quando amar significa sofrer estamos amando demais. Se todas as conversas com os amigos são a respeito “dele”, quando tentamos nos tornar a terapeuta “dele” e principalmente quando o relacionamento coloca em risco o emocional, a saúde e a segurança física, estamos amando demais. O fenômeno “amar demais” é como uma síndrome de obsessão pelo parceiro e o medo de ser abandonada. A mesma autora (1985, p. 21), cita a relação de amor e sofrimento:

*“Amar demasiado não significa amar muitos homens, ou apaixonar-se com muita frequência, ou mesmo ter um grande amor genuíno por alguém. Significa, na realidade ser obcecada por um homem e chamar isso de amor, permitindo que tal sentimento controle suas emoções e boa parte do seu comportamento, mesmo percebendo que exerce influência negativa sobre sua saúde e bem-estar, e ainda assim achando-se incapaz de opor-se a ele. Significa medir a intensidade do seu amor pela quantidade de sofrimento.”*

Ou seja, quando sofre se demais numa relação é porque ama se demais também.

Já o amor mágico e verdadeiro segundo Gray (1997), compreende as diferenças ocultas do sexo oposto e tendo o sucesso em dar e receber amor que está em nossos corações. Assim aprendemos como amar e amparar melhor as pessoas com as quais nos importamos. *“Quando homens e mulheres são capazes de respeitar e aceitar suas diferenças, então o verdadeiro amor tem a chance de desabrochar.”* (Idem, p. 24).

Apresentando outra conotação, Ailton (2004), diz que o amor é um termo usado para agrupar sentimentos, afetos e emoções a uma determinada pessoa. O significado do amor é específico e individual.

Lacan (citado em Julien, 2004) também conceitua o que significa amar – *“Não jogue nada fora, acumule a te entulhar. Nunca se sabe, sempre pode servir! Amar é ter sempre o que dar! E para ter o que dar, guarda o que tens, prende. Agüente firme!”* (p.142). Denotando a idéia de que amar é ter que dar alguma coisa mas não receber.

Cada pessoa tem um padrão de amor específico, uma fonte de referência primária, baseada na sua história afetiva. Os valores sociais e familiares nos estimulam ou nos obstruem podendo mascarar nossos comportamentos. Aprendemos o amor na família, nas interações entre crianças e os adultos que as criam. Sua subjetividade irá depender de como recebeu essa realidade somática de emoção. Uma distorção do amor diz respeito ao modo como as crianças são tocadas e carregadas, como suas necessidades são atendidas e como o que lhes é dado, as expressões de amor entre seus pais e o que elas conseguiram experienciar ou não. Desta forma a subjetividade do conceito de formação do amor de cada pessoa será dada, segundo Stanley (1996, p.13) através:

*“Da compreensão dos significados do amor tido na infância, uma história familiar do amor – o modo como foram amadas por sua família e fora isso, visões abstratas tiradas de jornais, novelas, televisão, livros e filmes. Imagens sobre como outras pessoas amam ou como deveriam experienciar o amor.”*

Os livros de auto-ajuda organizam as representações sociais sobre como ocorre a dinâmica dos relacionamentos entre homem e mulher, e as formas de amar de cada. Ajudam a explicar, num sentido positivo, as dinâmicas dos relacionamentos humanos, o que algumas ciências deixam a desejar.

É mostrado porque é natural a mulher dar amor à um homem e sua necessidade de ser necessária, submissa para alguém. Ajuda a mulher a lidar com esse tipo de comportamento compulsivo e doentio de amar demais. Esses livros se empenham a explicarem o porque das mulheres se comportarem desta maneira e auto-afirmações nas horas de fraqueza de que são merecedoras de amor, queridas e de pensar em si mesmas. Dicas para melhorar e entender o relacionamento com o sexo oposto, podendo compreender melhor o universo do sexo feminino e origem de suas atitudes e sentimentos.

### 1.1 Entendendo as diferenças no senso-comum:

No campo de auto-ajuda o famoso Gray (1997) cita em seu *best seller*, a forma que a mulher ama o homem. De uma forma metafórica chama as mulheres de “venusianas” e os homens de “marcianos”, onde diz que os marcianos estão à busca de prover a subsistência e cuidar das venusianas. Ele tem a necessidade de servir e proteger, além de perpetuar a espécie. Ela possui a necessidade de se sentir apoiada, amada, protegida, acalentada e companheira, além de sentir que não está sozinha. O que ela mais precisa é de alguém para ouvi-la, diferentemente do homem que prefere ficar sozinho, quieto para pensar e agir.

Compreendendo as diferenças dos sexos, estamos mais abertos a aceitar o parceiro como ele é individualmente.

Quando a mulher pode compartilhar seus sentimentos com seu parceiro, ela começa a se lembrar que é merecedora de amor e de que suas necessidades serão satisfeitas. Para este autor, o medo e a desconfiança desaparecem nesta reflexão: *“A tendência de uma mulher a ser compulsiva se dissipa quando ela se lembra de que é merecedora de amor – ela não tem que conquista-lo; pode relaxar dar menos ao outro e receber mais. Ela merece”*. (Idem, p. 60)

Dessa forma, o autor aborda a natureza da mulher em dar muito amor e ressalta que dar demais cansa. Em sua origem em “Vênus”, as mulheres se doavam o tempo todo, sentiam ser responsáveis umas pelas outras e estavam, cansadas em se darem o tempo todo, estavam cansadas de serem mártires e viverem para os outros, queriam alguém que não precisasse fazer isso, e eis que surge os “marcianos”, homens, cuja natureza era a proteção e a doação.

Já dizia o ditado: “Tudo o que é demais enjoa.” Para ilustrar a origem da dedicação excessiva da mulher, o autor escreve uma filosofia a do perder/ganhar – “Eu perco para que você possa ganhar.” (p. 59) :

*“Desde que todo mundo fizesse sacrifícios para os outros, então todo mundo teria alguém que tomasse conta de si. Mas depois de viver sob essa filosofia durante séculos, as venusianas estavam cansadas de terem sempre que se importar umas com as outras e queriam a filosofia do ganhar/ganhar.”*

Contemporaneamente, as mulheres estão exaustas de séculos se dando, ou perdendo para que outro possa ganhar. Elas desejam tempo livre para serem elas



mesmas e se importarem somente com elas. A necessidade de receber apoio emocional e de alguém em que elas não precisem tomar conta é o ideal para que possam desfrutar de seu tempo livre. E adivinhe quem preenche perfeitamente esse cargo? O homem. Assim a nova meta feminina é a de aprender a receber sem precisar se dar para que isso aconteça. Destacando as mulheres que amam demais, o autor comenta que durante a juventude, a jovem tem mais energia e disposição para se sacrificar e se moldar para atender as necessidades do parceiro. Mas na fase de amadurecimento a mulher pode se dar conta de que tem desistido de si mesma para agradar o outro. Quando isso ocorre, ela tende a culpar o companheiro pela própria infelicidade. A injustiça de dar sem receber é bem nítida.

Quando a generosidade de dar e a graça de receber são razoavelmente satisfeitas no período infantil, é possível formar um *self* (1) amoroso. O núcleo da pessoa se torna amoroso e equilibrado. Quando a confiança e o afeto foram experienciados, as relações amorosas podem se formar e ser compartilhada com os outros (Keleman, 1996).

O grande ponto da questão é conscientizar a mulher de que ela é digna e merece receber amor e atenção. Pode soar estranho, mas erroneamente acredita que não é merecedora de receber, porque está comumente com medo de precisar dar demais e então ser rejeitada e abandonada, o que é muito doloroso para o sexo feminino, porque no fundo acredita ser incapaz.

O aprendizado na infância que a mulher que ama demais possui como característica, também é comentado por Gray, (1997, p. 11) dela não merecer ser amada *“Se ela foi abusada, testemunhou violência ou teve uma infância complicada, então estará mais vulnerável ao sentimento de ser indigna de ser amada”*.

Uma das dicas, segundo o autor, é que quando uma mulher se dá demais, ou ama demais, ela não deve culpar seu parceiro. É preciso que a mulher tome consciência de que ela contribui com o problema.

---

(1) Self: Fonte reguladora da psique.

Em vez de acusá-lo é preciso perdoar o homem e aceitá-lo como ele é com suas imperfeições. E encorajá-lo a dar mais e apreciando o apoio que recebe dele.

Por conta do medo de não ser apoiada a mulher que ama demais sufoca o parceiro com todo o amor que precisa e merece. Corre atrás dele com o pânico de ser abandonada, pensa que fez algo de errado que o afastou.

Seguindo a mesma linha de pensamento, em seu último lançamento, o autor Tiba (2004), comenta a expressão de amor da mulher, se dá metaforicamente como “mulher polvo”. A natureza da mulher é ter o homem sempre consigo, nos seus braços, nutrí-lo, agasalhá-lo, acariciá-lo, beijá-lo e dizer muitas vezes que o ama. Seja esse homem seu parceiro, filho, ou qualquer figura masculina que ela tenha fixado seu amor. A analogia que o autor chama de “mulher polvo” é puramente anatômica com o funcionamento fêmea/macho. Polvo devido aos oito tentáculos, que agarra tudo ao mesmo tempo. E o qual separado um tentáculo tem se um homem, ou uma “cobra”.

Um dos fatores determinantes é que o homem possui um instinto de auto preservação. Primeiro ele satisfaz as suas próprias necessidades e desejos para posteriormente ajudar os outros. Bem diferente da mulher, que filhos e homem em primeiro lugar e se sobrar tempo satisfaz as próprias necessidades. O instinto da mulher está em se sentir amada e desejada por ele, e pertence-lhe para todo o sempre. É natural o comportamento feminino demonstrar o que está sentindo, pedir e oferecer ajuda, satisfazer às necessidades dos outros antes das próprias. A mulher com seus tentáculos tem a capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo e por conseguinte controla tudo que as rodeia.

Ela pode usar um de seus tentáculos e acolher o companheiro como a um filho. Projetando o papel de mãe e salvadora, muitas vezes se desgastando e sofrendo.

A origem do sexo feminino de querer controlar tudo e todos é natural. A tendência de controlar o marido, os filhos, a casa, o trabalho e tudo o que se prestar a ser organizado das se ao surgimento de uma particularidade da neurose obsessiva ou histérica, que é a compulsão. Essa particularidade surge, quando não se tem mais dominação sobre o controle excessivo. Esse tópico será detalhado no final deste capítulo.

A partir da característica da mulher em dar e receber amor e da necessidade de atenção afetuosa para com o parceiro, poderemos abordar como se originam essa particularidade feminina.

## **1.2 Mulheres que Amam Demais:**

A mulher que ama demais se define quando a necessidade de dominar e controlar o parceiro torna-se uma obsessão. O que acarreta em um auto-sacrifício para ajudar o parceiro e na tentativa de modificá-lo para melhor. O homem é sinônimo de oportunidade de ajudar. Segundo Norwood (1985, p. 32), essa mulher é especialista em ajudar as pessoas, pois teve um escola que a ensinasse a matéria de ajuda na infância:

*“A maioria de nós cresce desempenhando papéis que adotamos em nossa família de origem. Para muitas mulheres que amam demais, aqueles papéis freqüentemente significavam que negavam suas próprias necessidades enquanto tentavam satisfazer as de outros membros da família.”*

A mulher cresce em um ambiente o qual exija e ensine a ela que tem de ser necessária e cuidar de tudo para tentar segurar o problema familiar, seja problemas de alcoolismo, incesto, violência ou de outro vício. É tentando agradar, modificar e ser “boa” o tempo todo com os membros da família para receber atenção e suprir as necessidades dos mesmos. Ou seja, é caracterizado pela mulher que teve um forte papel na infância e muitas responsabilidades para se assumir logo cedo.

Como por exemplo, substituir e ajudar a mãe doente no lar, ou lidar com um pai violento e alcoólatra, ou trabalhar muito jovem e ter de sustentar os irmãos dando afeto e atenção para os membros carentes. Qualquer tipo de relacionamento de vício, seja com drogas ou qualquer outro tipo de comportamento. Assim, cria-se uma obsessão e compulsão de controle de tudo e manipulação para que as coisas fiquem bem, ao menos aparentemente.

O sofrimento que é gerado na mulher e a anulação por desempenhar papéis tão sacrificantes, são danos marcantes em sua vida. Ela aprende a suprir as necessidades do outro esquecendo dela mesma e de suas próprias necessidades.

A partir do comportamento apreendido na infância de ser necessária e de satisfazer as vontades dos outros, ela passa a repeti-lo na fase adulta porque já sabe como lidar, como defini a terapeuta Norwood - *“É um padrão de comportamento adquirido na infância e praticado bastante e para abandoná-lo é um desafio cheio de medo e ameaça.”* (Idem, p.95).

Sua função de ser está em função do outro. Ela projeta o seu Eu no Outro. Cria-se uma co-dependência muito forte, a partir do seu relacionamento dependente com o parceiro. Ela não consegue se separar dele e nem ter a consciência de até onde sua personalidade estende-se a ele. Ela desconhece o que ela é individualmente. O parceiro é uma extensão dela. Perdê-lo é como perder sua própria identidade. O medo do abandono e de ficar sozinha resulta na necessidade de agradar a todos e assim a ter dificuldades em dizer “não” quando lhe é solicitado. O sofrimento gerado por essa transferência está em se machucar e ao tentar modificá-lo por não aceitar o companheiro como ele é, seja ele violento, viciado, poligâmico, ladrão, drogado, doentio, desocupado, egoísta, desafetuoso, desatento e assim por diante. Aprende por associação a preferir a dor.

Automaticamente e inconscientemente escolhe o parceiro, o homem que melhor pode receber essa atenção e acolhimento. Um homem que lhe dá a garantia de que não irá abandoná-la ficando do seu lado pelo sofrimento que passa por ele em troca do amor dele. O medo de abandono da mulher sofrido na infância irá se transformar em uma obsessão por ser aceita por alguém. Essa obsessão é na realidade a incapacidade de agir sobre si mesma. O medo mais a obsessão irá gerar um vício de ser sempre necessária para o homem. A manipulação ocorre quando ela, mulher, provoca um sentimento de segurança, que para ele significa uma atração poderosa, uma vez que sua vida está incontrollável. E foi observado, nos encontros com o grupo, a consciência que as mulheres possuem sobre a tentativa de não manipular o homem e de não se entregarem somente para o sexo.

O grande desafio segundo a terapeuta Norwood (1985) é tirar essa atenção afetuosa em forma de obsessão para com um homem e colocá-la na própria vida.

Ajudar essas mulheres com manias e sentimentos destrutivos a reconhecer o fato, compreender a origem desses sentimentos de insegurança, desespero, tensão, preocupação, ansiedade, dependência, auto-sacrifício, medo e tristeza e obter

instrumentos e suporte para modificar o comportamento apreendido e assim a sua vida.

Geralmente tem facilidades na área de humanas e se realizam em profissões as quais possam ajudar as pessoas, como assistente social, médica, enfermeira, psicóloga, pedagoga, trabalhos voluntários em asilos e instituições de saúde. Lugares onde elas podem colocar em prática o que sabem muito bem; ajudar os necessitados. O comportamento comum de trabalhar para ajudar outras pessoas, foi caracterizado pela fala de uma das participantes do grupo – *“Trabalho com crianças que sofrem de doenças mentais...adoro o meu trabalho”*.(Informação verbal)

### **1.3 A relação com o Vício:**

A relação de dependência com o homem pode ser dita como um estado de vício, ou como disse uma co-dependente - “Uma droga!” (Informação verbal). O vício em relacionamento doentios, que possuem dor, sofrimento, depressão e medo tem de ser levado paralelamente por essas mulheres com um suporte para viver este tipo de relação outros vícios ou compulsões. Geralmente em substâncias químicas, como álcool, drogas, remédios e compulsões a comida, a limpeza e ao sexo. Para bloquear os sentimentos mais profundos, provenientes da infância, algumas mulheres são dependentes dessas substâncias viciosas. Sua recuperação do vício de relacionamentos ruins se dará no caminho conjunto com a recuperação do vício em substâncias abusivas. Quanto mais dependentes de álcool, drogas, comidas, mais culpa, vergonha, medo e auto-ódio são sentidos.

Tudo isso para se desligar da realidade. O vício é usado para afastar o vazio, o abandono e a dor provinda do passado juvenil. Com relação à mulher que ama demais, sua principal doença é o vício da dor em um relacionamento não recompensador. Fixam em homens viciados também, principalmente em alcoólatras, porque sua recuperação é tão intensa e difícil quanto à dela. Geralmente são filhas de pais que sofrem dessa patologia. As características descritas acima são vistas na entrevista realizada vide apêndices.

Vale a pena mostrar o caminho dos praticantes do alcoolismo e da mulher que ama demais estabelecida pela terapeuta Norwood (1985):

Características de praticantes:

**Alcoólatras:**

- Obsecado por álcool;
- Nega o tamanho do problema;
- Mente para acobertar o quanto bebe;
- Tentativas contínuas de acobertar a bebida;
- Raiva, depressão, culpa e ressentimento;
- Atos irracionais;
- Vidência;
- Acidentes devido à intoxicação;
- Indisposição física devido ao abuso do álcool.

**Mulheres Viciadas:**

- Obsecada por relacionamento;
- Nega o tamanho do problema;
- Mente para acobertar o que acontece no relacionamento;
- Tentativas contínuas de controlar o relacionamento;
- Raiva, depressão, culpa e ressentimento;
- Atos irracionais;
- Vidência;
- Acidentes devido à preocupação;
- Indisposição física devido às doenças relacionadas à inquietação;

## 2. A importância das funções materna e paterna:

*Eu passei muito tempo aprendendo a beijar  
Outros homens como beijo o meu pai  
Eu passei muito tempo pra saber que a  
mulher  
Que amei, que amo, que amarei  
Será sempre a mulher como é minha mãe  
Como é, minha mãe? Como vão seus  
temores?  
Meu pai, como vai?  
Diga a ele que não se aborreça comigo  
Quando me vir beijar outro homem qualquer  
Diga a ele que eu quando beijo um amigo  
Estou certo de ser alguém como ele é  
Alguém com sua força pra me proteger  
Alguém com seu caminho para me confortar  
Alguém com olhos e coração bem abertos  
Pai e Mãe, Gilberto Gil*

As mulheres sentem uma atração muito forte por homens doentios e inadequados, os quais querem dominá-los através de seus esforços ajudando-os a mudarem e a se tornarem pessoas melhores. Possuem uma obsessão por homens impossíveis. Evitando assim cuidarem delas. Isso se justifica porque na infância era esse tipo de comportamento que elas faziam com relação aos pais. Causando muita dor e sofrimento. E como Norwood escreve – “*Quanto mais dor provinda na infância, mais poderosa é a tendência a restabelecer e dominar essa dor na fase adulta*”. (1985, p. 99).

Para compreendermos melhor a origem deste fenômeno ou comportamento obsessivo de amar demais, precisamos estudar a importância da figura materna e paterna na infância da mulher.

É uma velha crença no campo da psicologia o fato de que as pessoas freqüentemente se casarem com alguém parecido ou igual à mãe ou ao pai, com quem entraram em conflito na infância e o continuam durante a fase adulta de amadurecimento. Observamos que muitas mulheres que escolheram o marido

conforme o modelo do pai, repetem para ele sua vida conjugal, mas seus maus relacionamentos com as mães. O relacionamento dela com a mãe, foi primordial, tendo a ligação com o pai sido construído sobre ele. Dessa forma se obtém os mesmos sentimentos e se enfrenta os mesmos desafios que se encontram no crescimento. A atmosfera na infância é tão forte que se reproduz na fase adulta, usando-se dos mesmos artifícios e manipulações dos quais são aprendidos desde cedo (Freud, 1931).

As mulheres que amam demais continuam a fazer as mesmas coisas daquela época; restabelecendo e experimentando novamente relacionamentos infelizes, numa tentativa de conseguir controlá-lo para assim dominá-lo como Norwood comenta – *“Isso é o que, para muitos de nós, constitui o amor.”* (1985, p. 98).

Vem geralmente de uma família conturbada e sofredora, de famílias onde faltam o afeto, carinho e atenção dos pais, de famílias doentias de amor. Carentes de amor e comunicação. Originadas de famílias que possuem algum comportamento compulsivo. O mais comum pelas pesquisas de campo é o alcoolismo. Seja a mãe ou o pai alcoólatra. Daí se parte da hipótese de que toda filha de alcoólatra se relaciona com um homem alcoólatra.

O adulto na família ensina à criança não-formada o modo de cuidar, o modo de se interessar, o modo de compartilhar e de se relacionar. O adulto e a criança trabalham juntos num processo de corporificação para a formação do adulto. As distorções do amor principiam na relação da criança com os pais. (Silva, 2001). Para esclarecer melhor a falta de afeto que a criança sente na infância e que vai ser cobrada na vida adulta, mencionaremos a abordagem das funções maternas e principalmente a paterna.

## **2.1 Função materna:**

A função da mãe primordial é a de suprir as necessidades básicas do bebê, o acolhimento e a nutrição. Proporcionando nessa simbiose mãe e filho amor e afeto.

Nas palavras de Bolas - *“Pulsão brutal de satisfazer a fome. O amor erótico da mãe é essencial à maternidade geradora. E é transmitida mais especificamente pelo erotismo da amamentação.”* (2000, p. 67).



O mesmo autor explica que o objeto primário do bebê é construído a partir da visão que ele tem do outro, a mãe e o pai. Mais tarde esse conteúdo irá se tornar uma característica essencial dos diálogos privados no interior do *self*, quando o bebê se conceder no outro.

A função materna, definida como ordem materna incluem as funções psíquicas de recepção do sêmen, gestação, parto e continência, bem como as formas de comunicação baseadas em recursos não verbais. Os primeiros cuidados maternos são absorvidos pelo bebê, o toque, a erotização do bebê, afeto e proteção.

A partir desta visão a mãe é imaginada como perturbadora na hora de romper com a simbiose do aleitamento materno, deixando ao bebê uma espécie de vazio aparentemente derivado dos fracassos dela. É ela que distribui os símbolos e significados de amor e ódio à criança. É a mãe que vai dar sentido a erogenização da sexualidade do bebê. Essa fase de ligação exclusiva com a mãe, pode ser chamada de fase pré-edipiana onde, tem nas mulheres uma importância muito maior do que pode ter no homens. A feminilidade da mulher será derivada de sua ligação forte com a mãe e na tomada do pai como objeto. (Freud, 1931)

## **2.2 Função paterna:**

Estando mãe e filho(a) na simbiose de acolhimento e nutrição, quando mãe e bebê se encontram sob qualquer ameaça externa cabe ao pai proteger essa dupla e não deixar que nada externo os machuque. Ele se coloca ao lado da mãe como co-liderança da ordem paterna nas funções psíquicas de formas de ser da criança e de como está irá se relacionar com o outro. Existe uma estrutura psíquica em nome do pai interno, descrita por Bollas (2000, p. 110) - *“A psique não é unissexual mas bissexual. O self da criança se utiliza dos conjuntos funções de ambos pai e mãe separadamente”*. Ela tem dentro dela o pai e a mãe separadamente.

Após essa fase de suprir as necessidades básicas do bebê a figura masculina, o pai, entra para romper com a simbiose mãe e filho. O qual tem o objetivo de mostrar a realidade da criança tirando ela do mundo maternal e socializando-a ao mundo real.

Conduzir a filha do protegido ambiente materno e doméstico até o mundo exterior, ajudando-a a enfrentá-lo em seus conflitos. Se o pai for confiante e bem sucedido, isso será transmitido para ela, mas se o pai tiver medo e não for bem sucedido é provável que ela adote a mesma atitude temerosa. O pai projeta seus ideais para a filha. Mas a mãe é quem permite romper com a simbiose.

A predisposição normal essencial com relação ao pai é sugerida primeiramente pela mãe, que se refere a todas as suas funções: como uma figura no imaginário familiar como o portador da lei mantida em seu nome e como o outro intangível pronto sair do imaginário para o real. A mãe, segundo o mesmo autor, não somente falará deste papai como também mostrará seus próprios sentimentos com relação a ele. (Idem, 2000)

Desta forma o pai será o terceiro objeto vital a quem se referirá muitas e muitas vezes. Quando a família possui os três elementos (Mãe, Pai e Filho) e se tudo ocorre bem, o pai pode participar da tenra infância de sua filha. Sendo um importante traço de experiências no psiquismo primário da mulher, ou seja o real, simbólico e imaginário, constituindo um Ego seguro e definido.

As funções paternas, definidas como ordem paterna, primordial para o desenvolvimento saudável do psiquismo da criança são: proteger, este espaço mamãe e bebê, pensar em suas necessidades com relação a realidade e se necessário desafiar e enfrentar a realidade a fim de proteger a dupla (função arcaica, antiga). Dês da penetração, inseminação, guarda, encontro, relacionamento, criação e a aplicação das leis para com a criança, a ordem paterna vai adiante na forma de colocar e inserir o “não” interno dela, a censurar a criança de forma a construir uma estrutura organizada de “nãos”, de lei, limites e conseqüências às quais o *self* deve se adaptar se deseja sobreviver. Função também de retirar, banir e exilar o indesejado pela criança.

Desta forma irá se formar o inconsciente recalcado secundariamente, que funciona de acordo com a ordem paterna e segue a lei do recalque como os oposto: convidar – repelir, sim – não, ou seja, a oposição binária (Idem, 2000).

Quando a ordem paterna não é inserida ou é mal inserida, a mulher que ama demais faz tudo ao seu alcance para minar a lucidez da lei paterna, criando se assim confusões internas em sua personalidade, procurando trazer à tona na mente do

*self*, conteúdos afetivos que atuam no sentido de negar acesso ao pai, a figura masculina.

A “matança vital” essencial do *self* é primordial, já que é pela inscrição da ordem paterna que a criança separa o *self* do bebê do *self* da mãe. Nas palavras de Bollas (2000, p. 112): “*A mãe pode não incluir o pai como um terceiro objeto desejado, ou o pai abandonado a mãe e a criança, transforma-o em um terceiro objeto enfraquecido.*”

As mulheres que amam demais são frutos de um relacionamento conturbado ou inexistente entre pai e filha. A incapacidade do pai de amar gera a incapacidade da filha de amar. Esse relacionamento fracassado na infância irá gerar uma culpa, um sentimento de impotência e de abandono.

### **2.3 A relação pai e filha:**

As relações precárias de mulheres com seus pais retardam uma alienação de relação positiva com a função paterna em si mesmas. Existem vários meios que podem ocorrer à ferida de pai-filha. O pai pode ter sido extremamente fraco a causa da vergonha da filha, como beber, não conseguir manter o emprego ou os jogos. Pode ter sido um pai ausente, que saiu de casa por escolha ou não, mas o que fica no registro da criança menina é que o homem que “as ama as deixa”. Ausência também por morte, por guerra, acidente, divórcio, doença, ou seja, qual for o motivo do distanciamento do pai de sua filha. É necessário que alguém faça esse papel masculino.

O pai pode ferir a filha agindo de modo complacente, onde ela não consegue formar noções de limites, valores e de autoridade. Numa visão freudiana, inconscientemente ele pode até se apaixonar por ela, mantendo-se assim presa a ela. O pai machista pode depreciar o feminino porque seu próprio lado feminino, ou seu lado *anima* (2) como cita Jung (3), foi sacrificado aos ideais de poder e autoridade social. Em fim, o pai pode ser trabalhador e não se envolve com a filha, seja qual for a causa, quando o pai não está disponível para sua filha de modo comprometido e responsável fica um vazio na sua estrutura e não há o ensinamento de como se relacionar.

Já diz o ditado “Não basta ser pai tem que participar!”, por isso é necessária a estimulação ao desenvolvimento de suas dimensões intelectual, de suas faculdades mentais, profissional e espiritual, valorizando a singularidade feminina, que resultará em saúde e bem estar. (Leonard, 1997)

Quando o pai não demonstra afeto e amor, não consegue dizer “eu te amo”, ou a rejeita por ter nascido mulher, as necessidades emocionais não foram satisfeitas, pois a ordem paterna fracassou. Prejudicando então a menina onde se cria uma habilidade em não confiar em si. Cria-se uma forte necessidade e dependência na fase adulta de afeição, ou seja, ficam com carências e sede de amor. Resulta em medo do abandono, rejeição e não merecedora de afeto da figura masculina, como mostra o caso de Pam, descrita por Norwood (1985, p. 168):

*“Acredito que o fato de ter crescido sem um pai tornou as coisas piores, porque eu nunca aprendi como relacionar-me com homens de forma a dar e receber amor. Mamãe dizia às vezes que os homens não prestam e que não faziam as mulheres felizes, pois costumavam abandoná-las e traí-las.”*

O pai real, por exemplo, pode ser perturbado ou viciado em algo depreciando as funções. Principalmente pais alcoólatras. O pai que se mantém eternamente no vício erra por indulgência, não estipularam limites para si próprios, sem autoridade interior alguma e sem ordem, estão fixados na juventude e no estágio da adolescência (Leonard, 1997).

São pais propensos a recusar suas ordens e atuar na frente das crianças como tal. Acarretando distúrbios muitos sérios na filha, como, histeria, neuroses obsessivas, e compulsões graves. O caso de Brenda, Norwood ilustra uma narração de sua paciente sobre a relação com o pai na infância e como acarretou nelas a compulsão por comida e depois uma séria bulimia:

*“O papai agora dizia e fazia coisas indelicadas para mim que fora sua filha preferida. Falava me de como eu parecia exatamente como minha mãe depois de tudo. É verdade que ele não dizia aquilo se não tivesse bebido, mas ele bebia a maior parte do tempo, mesmo quando estava em casa, o que era raro”.(Idem, p.205).*

---

(2) Anima: Arquétipo, dito por Jung, elemento feminino no homem.

(3) Jung: Carl Gustav Jung (1875-1961), médico psiquiatra suíço. Criador da linha junguiana.

A criança nesta situação teve de suspender, sublimar como diz Jung, a realidade psíquica interna em nome das aparências externas. E quando isso se dá com relação ao pai, a criança afirma que ela desiste dos reais desejos dela para cumprir o que se espera dela, dando o que o pai quer e mais tarde o que outro homem quer.

Novamente, a mesma autora, mostra o caso de Margô para compreender a relação pai e filha das mulheres que amam demais. Mulher de 38 anos, casada quatro vezes e três filhas de casamentos diferentes:

*“Batia muito em minhas filhas, e freqüentemente recorria ao uso de cocaína quando Geórgio estava fora e passava dias sem voltar pra casa. Dês de a adolescência nunca ficara sem namorado. Quando criança entrava em conflito com meu pai que bebia muito e abusava de minha mãe e de mim. Existiam também problemas com dinheiro, insegurança e sofrimento”.(Idem, p. 175).*

A tensão emocional deste tipo de infância deixou marcas profundas em sua psique. Segundo Jung (citado em Sanford, 1987) sejam quão perturbadores tiverem sido os maus comportamentos do pai, eles são significativos, pois também ataca o pai interno da mulher e o seu lado masculino, seu *animus* (4). Ele é a primeira figura masculina da vida de sua filha e o elemento crucial na formação dos parâmetros pelos quais irá ter como modelo ao se relacionar com o lado masculino dela mesma. E também de como irá se relacionar com os homens. Ele é o “outro”, que difere dela e da mãe em termos sexuais e fisiológicas a primeira instância, determinando sua individualidade. O modo o pai como se relaciona com seu lado *animas*, lado feminino, ou com a questão da feminilidade em geral irá afetar o modo como a filha vai amadurecer até torna-se mulher.

O autor Bollas (2000) define o pai que impede o desenvolvimento na criança de suas funções como “pai obstáculo”, onde é o pai que mostra-se vital à negociação da criança com todas as suas dificuldades futuras. A ausência desta

figura ou de alguém que tenha desempenhado este papel faz a menina idealizar o pai como homem bom.

Quando a pequena e boa menina se torna a criança “Bárbie”, ela suspende o verdadeiro *self* a fim de realizar o que imagina ser o desejo parental. Apresenta ser madura para a idade. Isso irá se prolongar em seus relacionamentos com os homens sempre tentando suprir as responsabilidades dos outros e mantendo a ordem e as coisas aparentemente boas. Trabalhando e ganhando dinheiro para sustentar o parceiro e sua dependência com alguma droga. Já Leonard (1997), diz que a criança se torna a “eterna menina” quando ela permanece psicologicamente menininha, a filha dependente que costuma aceitar a identidade projetada pelos outros.

O caso de Janice, 35 anos casada e mãe de três filhos adolescentes ilustra bem a questão porque as mulheres que amam demais têm que amadurecerem mais cedo:

*“Meu pai era vendedor e ganhava bastante dinheiro, tínhamos uma casa ampla, com piscina e quase tudo que queríamos em termos materiais. O que faltava mesmo era paz interior. Meu pai ficava na estrada quase o tempo todo, ele adorava ficar em motéis e buscando mulheres em boates. Quando estava em casa iniciava brigas terríveis com a minha mãe, daí tínhamos que ouvir ele comparando mamãe as outras mulheres que conhecia. Também brigavam fisicamente. Eu tinha que chamar a polícia. Mamãe tomava pílulas para suportar a situação. Ela se trancava no quarto e ficava lá por dias. Eu então tinha que assumir uma porção de responsabilidades dela, mas de certa forma não me importava. Era melhor do que ver a briga. Assim sempre fui um tanto mãe quanto namorada para os homens que me relacionei”. (Norwood, 1985, p. 180).*

A exposição excessiva a fortes excitações e conflitos acaba com a habilidade do corpo de responder a tais conseqüências, e o resultado é uma depressão maior, porque possui base tanto física quanto emocional. Histórias como a de Janice, uma mulher que passa a viver fases de depressão, constantes e sérias na infância devido

ao ambiente em que ela estava inserida, herda se também uma vulnerabilidade a depressão de um pai alcoólatra ou com outras disfunções bioquímicas.

---

(4) Animus: Arquétipo, dito por Jung, elemento masculino na mulher.

Na teoria comportamental se diria que ela teve um infeliz aprendizado na história infantil do seu comportamento mal-adaptado. A fuga que essas mulheres como Janice acham é a procura inconsciente de um estímulo poderoso de um relacionamento difícil e dramático para que ela possa repetir o aprendizado recebido na infância, estimulando assim as glândulas a liberarem adrenalina, como descreve Norwood – *“Um exercício parecido como chicotear um cavalo cansado, estafado de tanto trabalhar para conseguir alguns quilômetros a mais do pobre animal exausto.”*(Idem, p.222)

Para evitar os próprios sentimentos suspensos na infância, ela literalmente se fixa num homem onde possa repetir a sua história, sempre ajudando para tentar resolver o conflito do parceiro, onde se iniciam as manipulações aprendidas ao objetivo de mudá-lo. Usa o homem como se fosse uma droga para a fuga. É projetado no outro facilmente assim como fazia com relação ao desejo paterno quando criança. O Homem passa a ser visto como oportunidade de ajuda e não como ser individual com suas características particulares, como vimos no início do capítulo.

Muitas mulheres cometem o erro de procurar um parceiro para um relacionamento sem primeiramente desenvolver um relacionamento consigo mesmas; elas passam de homem para homem procurando o que está faltando dentro delas. Idealizando cada vez mais a figura masculina, o pai que lhes foi negado de uma forma ou de outra na infância. O casamento torna se algo então obsessivo como um tipo de fuga. E a razão para que muitos casamentos não darem certos é porque a mulher transfere a figura de conquistar o pai e o homem o acolhimento materno. A procura deve iniciar-se dentro do Eu.

Cria se uma imensa necessidade de ser necessária, de ter um homem fraco e inadequado como fora o pai e de controlar a vida daquele homem, assim como controlava a família. Lembrando que essa necessidade é derivada a forte ligação

com o papel da mãe. Ela pode repetir todo padrão de comportamento que sua mãe tinha com relação aos homens e assim ao pai (Freud, 1931). São formas de negar e evitar o vazio inevitável que ficou aberto na infância, originário de um tempo que vivera com a família. Nas palavras de Norwood (1985, p. 186):

*“As crianças em lares desajustados sentem-se responsáveis pelos problemas da família e por solucioná-los também. Existem basicamente três maneiras nas quais essas crianças tentam salvar a família: sendo invisíveis, sendo más e rebeldes ou sendo boas”.*

A criança que na infância foi invisível é aquela que nunca pediu nada para não causar mais transtorno. Nunca faz qualquer tipo de exigência. Nesse papel ela evita acrescentar qualquer peso à família já sobrecarregada. Evita a dor. Fica em seu quarto, diz pouca coisa e se vira sozinha nas atividades da vida. Já a criança que é rotulada como rebelde, má, e a delinqüente juvenil é aquela que se sacrifica pela família, concordando em ser o bode expiatório, o problema da família. Faz ser o centro do todo sofrimento, da raiva, do medo e da frustração do grupo. Ela oferece aos pais desintegrados um objeto seguro para aperfeiçoarem juntos. É a maneira que a criança tenta salvar a família, possuindo assim para o resto de sua vida a raiva e o medo que acobertam a sua dor. E por fim, a menina boazinha é ser o que Janice foi, uma conquistadora no mundo cuja às realizações tinham o objetivo de redimir a família e preencher seu vazio interior.

As aparências externas como já mencionamos de parecerem felizes, brilhantes, prestativas e entusiasmadas serve para cobrir a tensão, o medo, a raiva e o vazio que as sucumbi da imagem terna do pai ideal. A falta do terceiro elemento. Nas palavras da mesma:

*“Quanto mais difícil se torna terminar um relacionamento que é ruim para a mulher, mais elementos de conflito da infância ele contém. A mulher ama demais porque tenta superar medos antigos, raivas, frustrações e dores antigas vindos da infância, e desistir é abandonar uma oportunidade preciosa de achar alívio e retificar os erros que cometeram.” (Idem, p.118)*



Ou seja, o vício de amar demais, se podemos assim dizer, é um meio de alívio e uma oportunidade de conquistar a figura paterna, de sentir novamente o medo do abandono e da rejeição pelo masculino, pelos homens em geral. A paixão forte que é sentida quando uma mulher encontra um homem pronto pra ser ajudado, é na verdade a paixão pelo pai na infância, uma figura masculina parecida com os comportamentos de seu pai real. O qual não cumpriu com a ordem paterna.

Toda essa análise realizada é para mostrar os verdadeiros motivos que levam a mulheres que amam demais a escolherem serem íntimas daqueles tipos de homens específicos. Elas sofrem com o relacionamento, mas se sentem em casa. Nada é estranho e difícil que ela não possa apoiar porque traz uma familiaridade muito grande, pois aprenderam na infância. Num linguajar comportamentalista, elas foram condicionadas no passado e estão reproduzindo os comportamentos apreendidos na fase adulta em seus relacionamentos. É a forma de vencer o que fora opressivo. Tentativa de ganhar o amor perdido, de conseguir a aprovação negada, o qual é a química inconsciente de estarem apaixonadas. E não o amor verdadeiro e real de aceitar o parceiro como ele é não tendo assim a necessidade de mudá-lo, como já mencionado.

Como elas aprenderam a amarem na dor, se colocam no papel de vítima e se tratam como vítimas da relação. Apesar de não terem a consciência de que ela é a mentora do drama. Para tanto, elas possuem como demonstração de afeto, carência e o auto-sacrifício junto com a visão de homem como egoístas. Onde, segundo a terapeuta (1985) denomina-se como uma combinação de fechadura e chave:

- **Tipo de mulher:** Necessidade de dominar, controlar. Tem a obsessão como atração poderosa pelo parceiro.
- **Tipo de homem:** inadequado, viciado e vítima.

Desta forma, constituem-se dois fatores importantes, necessários para a ocorrência de um relacionamento doentio: Primeiro a combinação de fechadura e chave como visto acima dos padrões familiares dela com os dele e em segundo o impulso de recriar a superar os padrões dolorosos do passado.

A necessidade de mudar o parceiro é a mesma que tinha de querer mudar a mãe, o pai ou quem ele representava, ou aquele ambiente familiar hostil e sofredor é

muito grande e forte. Seu maior desafio na vida é ganhar a atenção e o afeto negado na infância com o parceiro destrutivo, nem que isso custe a sua saúde, o bem-estar, a auto-estima e até a sua morte. A obsessão incontrolável que elas possuem em continuar com a conquista do pai negada na infância é bem representada no caso de Mary Jane - *“Não sei como exprimir minha obsessão por ele. Cada vez que ele me deixava, sentia me mais atraída por ele, não menos que isso. Me esforçava terrivelmente para fazê-lo feliz para que ele não me deixasse novamente.”* (Idem, p. 205)

A mulher crescerá provavelmente temendo que o homem amado a deixe. Ele representa alguém que precise de ajuda. A carência que o homem parece dar é a garantia aparente que ela tem de que não a deixará. Os sentimentos do medo de ser abandonada e rejeitada são muitos fortes. Elas possuem a fantasia inconsciente de serem mais amada no psiquismo primitivo da psicanálise, daí estão os verdadeiros motivos de se projetarem nos outros. Frutos de uma ordem paterna precária:

● **Medo:**

- Abandono
- Desinteresse
- Desamada
- Perda
- Desatenção

● **Formas de controle:**

- Ajudar
- Agradar
- Fazer
- Assumir
- Responsabilidade

Com essas características internas, tendem a ajudar e possuem dificuldades em dizerem “não” para as pessoas. Mesmo que isso as machuque. Fantasiam que possuem um amor completamente poderoso e dominador. Capaz de romper barreiras, mas o cuidado que devem ter de não se tornarem salvadoras, pois todo

herói tende a morrer. Tem a necessidade de ser necessária para alguém e é dessa forma que ela aprende a ser ela mesma: Primeiro os outros e depois ela.

Geralmente são mulheres que se preocupam demais com as coisas da vida e possuem compulsões excessivas na vida cotidiana. “*A ajuda é o lado ensolarado do controle.*” na tentativa de controlar o relacionamento, a mulher se afunda numa obsessão e compulsão avassaladoras (Norwood, 1985).

Como foco do estudo, mencionaremos uma das grandes conseqüências deste processo de comportamento mal-adaptado que é a compulsão. O reflexo de anulação e controle do qual as mulheres tiveram no passado, mencionado pela terapeuta – “*As crianças carregam a culpa e a humilhação de problemas sérios que afetam sua família, assumindo grande parte da responsabilidade pelos problemas da mesma.*” (idem, p. 209).

Quando esforços para ajudar são feitos por pessoas que vem de passados infelizes, ou que vivem atualmente um relacionamento exaustivo, deve-se suspeitar sempre da necessidade de controlar. A mulher compulsiva faz pelos outros o que eles podem fazer por si mesmos, como planejar o futuro de outra pessoa, suas atividades diárias, aconselhar, lembrar, advertir ou persuadir que não seja uma criança, quando a mulher não tolera os atos do parceiro e tenta mudá-lo impedindo as suas conseqüências, a mulher está controlando. É um vício pelo qual ela não consegue parar.

Uma mulher que pratica a negação de que possui um relacionamento deturpado e o controle de que tudo está bem será impelida para situações que requerem este tipo de comportamento. A negação a mantém fora do contato com a realidade das circunstâncias e de seus sentimentos inferiores ajudando ela a entra fundo em relacionamentos carregados de dificuldades. Nas palavras da mesma:

*“Ela então empregará toda a sua habilidade de ajudar e controlar para tornar a situação mais tolerável, o tempo todo negando quão é ruim a situação como realmente é. A negação alimenta a necessidade de controlar, e o fracasso inevitável de alimentada à necessidade de negar.” (Idem, p.160)*

A compulsão de sempre querer consertar o relacionamento com o parceiro inadequado é gerado na necessidade que isso acontecesse na infância com o pai real. Como resultado deste específico comportamento os casos mais comuns de compulsão são: a comida, ao sexo, a limpeza, ao álcool, as drogas, as compras, a cleptomania, a mitomania, e qualquer outro tipo de vícios empregados pelas mulheres que amam demais como resultado do controle excessivo em suas vidas.

Por fim a este estudo pesquisaremos a questão da compulsão na visão psicanalítica em relação às mulheres que amam demais, indo mais a fundo na construção da sexualidade da mulher.

### **3. Compulsão: Uma visão psicanalítica.**

*A psicologia é a ciência da alma. O estudo da relação do homem com o universo e seus comportamento diante de tal dinâmica.*  
*Guillaume (1967 p. 1)*

O complexo de Édipo descrito por Freud é a base dos sintomas compulsivos. Para tanto, iremos ver primeiramente como se forma a sexualidade feminina e como se constitui o Édipo na mulher. Posteriormente, como surge a compulsão e os sintomas.

Com o interesse tardio sobre a sexualidade feminina, Freud no final do século XIX concebeu seu interesse pela essência feminina e não somente pela diferença física propriamente dita.

O Complexo de Édipo explica a fase da infância por volta dos cinco anos de idade, em que ambos os filhos (menino ou menina), tem desejo sexual voltado para a mãe. Encontramos a criança ternamente ligada ao genitor do sexo oposto, ao passo que seu relacionamento com o de seu próprio sexo é predominantemente hostil. No caso do menino é voltado para a mãe e no caso da menina é voltado para o pai. Ambos desejam a morte inconsciente de seus pais que impedem tal união. (Freud, 1931)

Para a menina, o primeiro objeto amoroso foi a mãe, assim como no menino. Mas o caminho que a faz ligar-se intensamente com o pai é diferente. Primeiramente, Freud sistematiza a posição da mulher em relação à castração.

A criança acredita que todo ser humano adulto tem um pênis. Na menina, há a idéia de que o clitóris vai crescer, dando a percepção de sua inferioridade genital que é encarado como fato consumado, onde ver que já nasceu castrada e coloca a culpa na mãe que não a fez como um menino (Cordás e Salzano, 2004).

Ante a constatação da inferioridade de seu órgão genital, a menina passaria a desejar ter um pênis e a ter inveja de quem tem. Outra noção dita por Freud, é a frustração pela não realização do desejo de ter um pênis, levaria a menina a um deslocamento, onde o pênis equivaleria a um bebê e o seu desejo passaria a ser ter um filho do pai.

A castração, a ausência do pênis é atribuída à mãe, que passa a ser hostilizada e é abandonada como objeto amoroso, para ser substituída pelo pai, que poderia ser aquele a realizar o desejo de ter um filho. Nas palavras de Freud (1931, p.242):

*“(...) que ela falhou em fornecer à menina o único órgão genital correto, que não a amamentou o suficiente, que a compeliu a partilhar o amor da mãe com outros, que nunca atendeu às expectativas de amor de menina e finalmente, que primeiro despertou a sua atividade sexual e depois a proibiu(...)”.*

Nesta citação ao final Freud se refere à masturbação. No início dessa fase edipiana, a menina tem uma relação de amor intensa com a mãe. Quer a mãe só pra ela, tem ciúmes do pai e dos irmãos. Fica sedutora para conquistar a mãe ou a babá que cuide dela. O desejo de ter relações sexuais com a mãe também existe na menina, e o pai de uma menina não passa para ela do que um rival causador de problemas, embora sua hostilidade não chega para tanto quanto dos meninos.

Então a intensa ligação da menina com a mãe é fortemente ambivalente, sendo que a criança irá amar e odiar seu objeto amoroso. Traço este encontrado nos neuróticos obsessivos que em seus relacionamentos objetais, o amor e o ódio se contra-balançam mutuamente.

A intensa dependência de uma mulher com o pai, assume uma herança de uma forte ligação com a mãe, e essa fase primitiva demora um período longo de tempo para acontecer. Nas mulheres por tanto, as principais ocorrências genitais da infância deve-se ao clitóris e sua masturbação, assim como a reação de sua proibição.

A condição de castração na mulher se dá pelo reconhecimento do fato de sua castração e a falta do falo. Isso se dá, segundo Freud (citado em Cordás e Salazano, 2004, p.4) por três caminhos:

*“Pelo primeiro, ela renunciaria de forma geral à sexualidade. A insatisfação com seu clitóris impulsional a abandonar sua atividade fálica e boa parte de sua inclinação masculina em outros setores. O segundo caminho, a fantasia de ter um pênis subsistiria, resultando em uma eleição homossexual de objeto. Pelo terceiro, a mulher tomaria o pai como objeto e alcançaria a forma feminina do complexo de Édipo, o que a conduziria definitivamente à conduta feminina normal. Pelo deslocamento de seu desejo do pênis por um bebê, alcançaria através da maternidade sua realização completa.”*

Encontrando o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo. Por tanto, nas mulheres, ele se constitui o resultado final de um desenvolvimento demorado, criado pela influência da castração e não destrutivo.

Freud decai ao escutar as reivindicações femininas como um protesto viril. A mulher hesita entre o papel do objeto e do outro, reivindicando sua liberdade.

Já para Lacan, a castração simbólica vai implicar uma perda narcísica, tanto para a mãe que deixa de ter o falo, quanto para a criança que deixa de ser o falo. O corte da relação mãe-filho é operado pela função paterna. O pai simbólico reduz o poder absoluto do desejo da mãe, introduzindo a lei paterna, a linguagem e o social. (Cordás e Salzano, 2004).

Se a castração não for simbolizada o sujeito ficará amarrado à presença e ausência do falo no real corpo.

A sexualidade feminina para Lacan é situada além da função fálica, ligada a outro gozo. Para ele a mulher está ligada no desejo e ao gozo (prazer). Ele também

vê a natureza feminina como além da falta do pênis, onde a mulher é bela e enigmática. Desta forma, a diferença sexual anatômica se submete ao significado único que categoriza a diferença natural em termos de falo e de castração.

O que vai distinguir Freud de Lacan, é a posição entre os dois gozos, um todo fálico (homem) e outro não fálico (mulher) e também no que diz respeito passividade e a atividade.

A relação mãe e filho (a) primitivo vai abranger a posição passiva, de submissão e de receber o acolhimento e a nutrição materna, posição de dependência do outro, masoquista. O psiquismo primitivo na função materna é de insegurança, medo e angústia. Já a posição ativa é quando entra a função paterna, de romper a simbiose mãe-filho (a), colocando a filha na socialização, no mundo real, de riscos, perigo, ou seja, de independência. Nos meninos a posição ativa é mais fácil acontecer pela sua natureza de oposição ao sexo materno.

A posição feminina pode ser então entendida como posição de passividade, mas não necessariamente de masoquismo, como Freud veio a descobrir. Porque na relação homem e mulher os dois deveriam estar numa posição de igualdade, intelectual e afetiva, indo além do plano da sexualidade, o que não significa se libertar dela. Pois haverá troca intensa e possibilidade de uma relação estável.

Resumindo, Freud interpretou a demanda feminina no Édipo como a inveja do pênis. Lacan vai além, ao considerar que a demanda feminina consiste na subjetivação da castração, na relação com a “falta ser”, pois se esta não for simbolizada pela mulher ficará amarrada a presença ou ausência do falo no real corpo feminino. Isso significa que o feminino não consegue sair da posição de passividade e por conseguinte se sente um “nada” legando ao masculino a condução de seu bem-estar e felicidade.

A posição subjetiva feminina que vimos diz respeito da própria mulher diante da formação de sua sexualidade e da dinâmica de sua afetividade. Este é o ponto que partimos para entendermos melhor como a mulher que ama demais está numa posição primitiva, de passividade, de alienação do outro, de dependência do outro.

Ocorre nessas mulheres um retrocesso do feminino nos aspectos infantis. Insistem em ficarem nesta posição de submissão e masoquismo. A mulher que ama demais precisa sair da situação passiva para seu amadurecimento emocional. Trata-se de uma questão de posição. Um repetição inconsciente de destruição que a mulher não se da conta (pulsão de morte).

Além disso, Lacan afirma também que a sexualidade feminina está além da função fálica, podendo estar ligada a um outro tipo de gozo que não é o de prazer mas sim o do dever, onde ela se submete ao outro, caso das mulheres que amam demais, buscando reconhecimento, se alienando e com isso, ao invés de conquistarem o amor do outro acabam sozinhas.

O desejo de gozo deste tipo de mulher é excessivo, quer passar para o parceiro um prazer impossível de se ter, ilusório, imaginário, torna-se um gozo que causa dano e não prazer, torna-se dever. O gozo em excesso vira dor e sofrimento.

Para tanto, vemos pela psicanálise, a compulsão não como sintoma mas como expressão da dificuldade do feminino de não ter conseguido sair da posição primitiva, posição de vítima, perdendo-se no queixume de sobrevivência no papel de vítima.

A questão da compulsão pode na neurose obsessiva como na histeria em função do feminino não conseguir elaborar a sua posição subjetiva passiva, o que levará ao masoquismo, característico das mulheres que amam demais. Para ela sair desta posição de submissão tem que elaborar e passar para a posição ativa de independência.

Desta forma, na compulsão, o complexo de Édipo decaí e o Supereu (pré – consciência) se consolida. O Supereu pode ficar severo e rígido, onde o Eu (consciência) pode desenvolver por ordem do Supereu importantes formações racionais tais como excesso de escrúpulo, mania, limpeza, piedade, onde pode ser observado a dinâmica da compulsão. Este pode tornar-se um tipo de masoquismo inconsciente, o qual promove dor e sofrimento a pessoa. Ou seja, há uma agressão contra si mesmo pelo comando do Supereu como comenta Fenichel (2000, p. 138) neste trecho – *“É ele que atua sadicamente na psique, uma aplicação em si mesmo de uma destruição antiga, paternal, dirigida contra o outro.”*

A citação acima ilustra melhor o forte vínculo com a destruição e a pulsão de morte, como se fosse uma maneira inconsciente à autodestruição. A mulher ao se entregar às demandas do superego, pode perder a autoridade sobre sua mente consciente, criando formas de controle para amenizar tal dominação do Ego, gerando um ego fraco e distônico do eu original.



Freud, diz de forma vacilante, que o Superego na mulher nunca chega a ser tão independente como no homem.

Neste sentido, aspectos relevantes são citados por Julien (2004, p. 152), que auxiliam na compreensão da questão:

*“Os sintomas geralmente são decorrentes de uma frustração sofrida na infância. Essa frustração provocou no sujeito uma agressividade dirigida contra aquele que supostamente está na origem da frustração, no caso o pai. Essa agressividade surge, citando por sua vez, uma regressão aos estágios pré-genitais, qualificados de oral e anal. “*

Diante de tal colocação, podemos deferir que a frustração é percebida pela criança decorrente de uma boa função materna e de uma boa função paterna.

Freud determina a compulsão como mecanismos de defesa do Eu através de rituais de verificação e anulação. A compulsão vem do ato de se repetir e a obsessão do pensamento repetitivo.

O conceito de compulsão originado nas mulheres que amam demais é um comando que vem de dentro a se repetir. Uma idéia de ser comandada enraíza-se, de certo nas experiências da menina com adultos que costumavam comandá-la de certo modo. As compulsões mais comuns são a de limpeza, organização, sexual, mentir, roubar, ingestão alcoólica, uso de substâncias químicas e transtornos com comida. Nas compulsões, o pai interno que continua a comandar na fase adulta é o Superego. Representa o pai externo. Contendo as exigências instintivas da infância. (Norwood, 1985).

Na compulsão não se altera o fato de que o Ego governa a mutilidade da psique da mulher, sem se sentir, porém, livre no uso de sua força orientadora, que lhe contradiz o juízo pleno das coisas, ou a omitir certas coisas sob pena de se sentir ameaçado por perigos terríveis, no caso de abandono e rejeição, sentimentos primitivos na função materna.

Vemos como exemplo, a compulsão na vida de uma mulher desse tipo e os restos psíquicos de uma má função materna e paterna, no caso de Brenda 35 anos que sofre de bulimia citado pela terapeuta Norwwod:

*“A necessidade que possuía era a razão de roubar e comer compulsivamente, de vomitar e comer novamente e de também mentir compulsivamente, tentando com imenso desespero, acobertar cada movimento que fazia. A mãe de Brenda também fora uma comilona compulsiva onde se encontrava em excesso de obesidade. O pai fora infiel durante seu casamento com a mãe e dizia, quando bêbado, coisas indelicadas para a filha a respeito de seu peso.”(Idem, p.204)*

Fenichel (2000) explica que as compulsões são obsessões que ainda se sentem como impulsos, são também derivadas e a respectiva intensidade também exprime a intensidade dos impulsos rejeitados na infância. A impulsão “instintiva” se transforma em impulsão “compulsiva”. As forças defensivas da pessoa não conseguem fazer com que ela se conheça, se perceba o que passa dentro dela. Mas consegue transformar o impulso original em formação compulsiva como no caso de Brenda acima em uma grave bulimia. O que acarreta também na formação de uma Neurose Obsessiva, TOC, Perversão e/ou Histeria.

O comando da compulsão é a repetição que a pessoa faz repetindo o que ouviu quando criança. Não tem importância que de fato os pais lhe hajam dado este comando por amor ou por compulsões vindas de suas experiências anteriores. O neurótico obsessivo usa da compulsão como defesa contra os pensamentos obsessivos. Este tende a se preocupar muitíssimo com pequenos detalhes, minúcias o qual são substituídas por coisas importantes.

Assim as compulsões são repetidas pelas avós, pela mãe e pela filha, onde se dar se como uma compulsão que perpetua por gerações. A obsessão mais comum na fase da recuperação das mulheres que amam demais é o de não recair no relacionamento destrutivo e assim aos pedidos dos parceiros deturpados de voltar para aquela relação prometendo mudanças e vida nova.

Desta forma não nos resta repetir os padrões de comportamento com o parceiro. Projetando o comando do nosso pai interno: o Superego. O qual emite comandos distorcidos a partir das experiências.

O perigo no qual a pessoa tenta se proteger, no caso de mulheres que amam demais é o abandono e a rejeição. A mulher tenta proteger-se contra isso, onde está mais numa ameaça de dentro de si mesma do que na índole da perda externa de um amor do homem ou da castração. O que mais teme é a perda da auto-estima, ou até um sentimento de anulação. O sentimento de culpa tem significado mais decisiva como motivo da defesa patogênica.

A perversão é usada para liberar energia e prender o homem que se deseja mostrando o quão bom é o sexo entre eles, podendo ter como expressão uma compulsão sexual. Muitas mulheres assim se tornam amantes de homens casados e esperam sempre a separação. Sempre dando tudo o que podia realizando as fantasias mais inimagináveis possível. A tristeza encontrada nessas mulheres vem o vazio o qual o sexo não preenche. Sempre tirando a necessidade de dar mais do que recebia do parceiro de um lugar já vazio dentro dela.

Desta forma, faz parecer estar tudo bem, tudo em ordem. A descarga fisiológica que se produz nas atividades sexuais do paciente não é adequada à tensão sexual que de fato se exprime nas suas idéias a respeito da crueldade e da sujeira no caso das mulheres neuróticas obsessivas (Finechel, 2000).

A psicanálise compreende que todas as relações humanas são permeadas pela falta e pela castração, tornando o gênero humano, de modo, sujeitos barrados. Para o ser humano encontrar a castração é ter a chance de se posicionar diante do mundo, ao seu desejo e ao gozo, como homem e mulher.

Se existe uma psicologia da mulher, sua tarefa é ouvi-la além da castração, da passividade, da posição feminina do masoquismo, é poder ouvir sua própria fala, suas particularidades, como possibilidade de amor e de satisfação. Nas palavras de Cordás e Salzano (2004, p. 10) fica a idéia da psicologia diante dos relacionamentos humanos:

*“Quando homens e mulheres se encontram em posições de igualdade social e intelectual a relação de amor pode acontecer num plano além da sexualidade. Da simbiose ou da depressão. É a possibilidade da poesia, da troca, da intensidade.”*

Finalizando, a compulsão nas mulheres que amam demais dar-se por expressão de uma posição primitiva de passividade, causando danos à sua saúde física, mental e espiritual, com muita dor e sofrimento, e atrapalhando o seu cotidiano ao lidar com tal dinâmica. Desenvolvem rituais de anulação para preencherem o vazio, atrapalhando e prejudicando seu cotidiano. Elas precisam reconhecer que estão alienadas, presas, a um psiquismo primitivo, cheio de medos e angústias. Se libertarem da infância. Precisam tomar consciência de seu Eu, não se deixando mais comandar pelo superego rígido e masoquista, reconstruir seu Ego dividido, passando para uma posição ativa e independente de parceiros, madura e mais feliz. Para tanto, é de suma importância o processo terapêutico juntamente com o trabalho em grupos anônimos para criarem sua subjetividade diante da vida feminina. A psicologia ainda tem muito que desvendar os enigmas e mistérios do universo feminino para melhor entender e compreender o que é ser mulher e quais as demandas que procedem em seu desenvolvimento.

## Capítulo II

### **Metodologia**

O estudo deste trabalho é do tipo descritivo. Para a coleta dos dados escolheu-se a entrevista e o complemento de frases, abordando a história de vida em geral e a patologia da compulsão no cotidiano das Mulheres que Amam Demais Anônimas do Distrito Federal. Para tanto, foi utilizado um roteiro estruturado com o objetivo de garantir unidade das perguntas. Esses dados foram transcritos sendo analisados como complemento do conteúdo abordado neste estudo.

A linha adotada para o seu desenvolvimento foi à pesquisa qualitativa que aborda uma análise de conteúdo por meio de uma construção teórica das informações individuais e assim subjetivas sobre o assunto. A pesquisa qualitativa trás uma posição reflexiva, muito além das teorias vistas no capítulo I. Onde nos possibilita questionar e interrogar o enigma das Mulheres que Amam Demais. Não no baseando somente em estatísticas quantitativas, mas na subjetividade dos participantes deste processo de amar demais o parceiro e como se relaciona na vida social, no dia-a-dia, como elas lidam e interpretam a questão da realidade consciente do sofrimento trazido pela condição do forte comportamento dependente. Trazendo para os leitores deste estudo uma conclusão e reflexão pessoal e única. Este tipo de pesquisa converte em princípios absolutos de legitimidade as informações produzidas. Nas palavras de Rey (2005, p. 4):

*“Nossa proposta da Epistemologia Qualitativa foi introduzida com o objetivo de acompanhar as necessidades da pesquisa qualitativa no campo da Psicologia, pois, de modo geral, as referências epistemológicas alternativas ao positivismo se limitavam a um nível de princípios muito gerais, sem se articularem essencialmente as necessidades dos diferentes momentos concretos da pesquisa....”*

A pesquisa qualitativa realizada neste capítulo, é baseada no trajeto após a construção das teorias vistas um caráter construtivo interpretativo do conhecimento, onde se implica compreender o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que se apresenta. Esta pesquisa científica tem por objetivo uma reflexão sobre o caráter teórico e sobre a construção da interpretação. A produção de sentido subjetivo do sujeito entrevistado. Rompendo se

assim, a expectativa racionalista de que o mundo pode ser conhecido de forma completa e progressiva pela razão humana. Não se reduzindo a teorias que constituem fontes de saber preexistentes em relação ao processo de pesquisa, mas no processo de construção intelectual que acompanham as pesquisas (Gonzalez Rey, 2005).

O conceito de subjetividade, segundo Rey (2005) denomina ser um sistema complexo capaz de expressar através dos sentidos subjetivos a diversidade de aspectos objetivos da vida social que concorrem em sua formação.

Este conceito tem sido usado pela psicologia, a transcender historicamente a compreensão abrangente dos comportamentos concretos nas diversas esferas da vida do sujeito. A subjetividade, a partir dos trabalhos de Freud, apresenta a psique como um sistema dinâmico e de superação da visão fragmentada do comportamento como reação a estímulos do ambiente, pensando que a subjetividade não se separa da cultura. Assim poderemos entender melhor a forte influência histórico-cultural do social para o individual.

Um sentido subjetivo representa, uma unidade que integra elementos diferentes que em sua junção o definem. A expressão da história do sujeito e de outros aspectos que aparecem por meio de suas ações concretas, no processo de suas distintas atividades do cotidiano, se define como a união de elementos que transcendem todos os sistemas da realidade. Desta forma a subjetividade é uma categoria tanto psicológica quanto de todas as ciências sociais.

É uma forma de compreender a complexa relação entre o social e o individual está na tomada de consciência acerca do significado do singular para o conhecimento social. O sujeito como indivíduo e único está inserido constantemente em espaços da subjetividade social, e sua condição de atualizar-se permanentemente na tensão produzida a partir das contradições entre suas configurações subjetivas individuais e os sentidos subjetivos produzidos em seu caminho pelas atividades compartilhadas nos diferentes espaços sociais.

O mesmo autor, coloca em evidência a importância da forma da pesquisa qualitativa na psicologia e do antigo método de fragmentação das categorias psicológicas apresentadas em variáveis isoladas. Alerta para que a consciência crescente de que a psique não funciona por entidades autônomas, mas é representada mais dinamicamente, sistemática e processual, permitindo compreender como funciona a psique individual como sendo construído pelas influências e espaços sociais.

### ***Os entrevistados:***

Os sujeitos selecionados para participar deste estudo são mulheres que fazem parte do grupo Mulheres que Amam Demais do Distrito Federal. Selecionadas duas mulheres com idades que variam dos 25 aos 60 anos, todas residentes em Brasília, DF. Foram escolhidas porque já fazem parte deste grupo a no mínimo um ano.

A primeira entrevistada é advogada, tem 47 anos de idade e 25 anos de experiência profissional. A segunda entrevistada é secretária, tem 33 anos de idade e 12 anos de experiência profissional. Ambas com renda de classe média e classe média alta, e grau de instrução de nível superior. A de se por pontuar o grupo do MADA do Distrito Federal como grupo de elite, pois a maioria de seus participantes, possui uma renda alta e alto grau de instrução.

Para a amostra, obteve se através de relatórios de observação realizados a quatro encontros do pesquisador com o grupo a escolha de duas mulheres que puderam pela visão obtida contribuir de forma significativa para a obtenção de informações consistentes a cerca do fenômeno da compulsão estudado, assim como suas pré-disposições para o mesmo.

As amostras foram feitas por meio de entrevistas, complemento de frases e assim da interpretação individual do que a mulher diz sobre sua relação com o grupo MADA e ao fenômeno da compulsão em sua vida.

### **Método utilizado para a análise e discussão dos resultados:**

Foram utilizados para análise entrevista e juntamente com o complemento de frases os quais foram aplicados nas participantes do grupo MADA/DF.

Organização da análise:

- 1) Leitura do Material e Seleção do mesmo;
- 2) Exploração dos pontos referentes ao fenômeno estudado;
- 3) Análise e discussão sobre os dados obtidos

### **Instrumentos de pesquisa:**

#### **Entrevista e Complemento de frases.**

O instrumentalismo surgiu como necessidade derivada da busca pela objetividade de uma pesquisa para se obter os resultados necessários a fim de comprovação, valendo-se da neutralidade de como princípio reitor no uso de instrumentos. Esses medem a relação do pesquisador com o sujeito pesquisado, eliminando as “distorções” que podem ocorrer no resultado da subjetividade pesquisador-pesquisado. O ato instrumental ou na aplicação de um instrumento é medido pelo contato e comunicação entre o pesquisador e o pesquisado. Ele é unidade fundamental no processo de pesquisa mas elimina a expressão autêntica do sujeito a ser pesquisado quando o instrumento omite a comunicação entre ambos.

Rey (2005) definiu o que é um instrumento de pesquisa onde explica ser toda situação ou recurso que permite ao outro expressar-se no contexto de relação que caracteriza a pesquisa.

Ou seja, os instrumentos não são vias de produção de resultados, mas de informação. Todo significado produzido de forma parcial por um instrumento concreto consistirá apenas uma hipótese, que se reafirmará no sistema completo da informação produzida. Eles representam os meios que envolvem as pessoas emocionalmente facilitando a expressão de sentidos subjetivos. Assim, eles são classificados em instrumentos individuais e grupais. Os individuais são as entrevistas, questionários, complemento de frases e os grupais são as dinâmicas e debates.

Considerado como a única via de legitima para produzir informação na pesquisa, o instrumento valoriza a produção intelectual do pesquisador na coleta das informações. É o instrumento que representará o meio que provoca a expressão do outro sujeito, uma fonte de informação que envolve as pessoas emocionalmente facilitando a expressão dos sentidos subjetivos.

Para tanto, foi adotado como instrumentos de pesquisa uma entrevista semi-estruturada, com seis tópicos e o complemento de frases para serem complementadas pelas participantes, com o tema abordado – **História de vida e a compulsão.**



A entrevista se caracteriza pela conversação enquanto instrumento que define o caráter processual da relação com o outro. O diálogo nos informa as características e o estado daqueles que estão envolvidos. E também, por esgotar-se em um momento impondo um limite pelo entrevistado. É considerada um instrumento a mais, no campo metodológico, que se aplica em um momento concreto e que é assumida pelas respostas diretas do sujeito diante das perguntas abertas.

O complemento de frases é um instrumento que nos apresenta indutores curtos a serem preenchidos pela pessoa que o responde. Esse instrumento não define seu valor pelo conteúdo explícito, mas pela subjetividade do complemento individual de cada participante, cuja idéia é produzida a partir do sentido subjetivo do sujeito. É dado como um instrumento escrito, possibilitando o posicionamento do sujeito de forma rápida e simples, facilitando a possibilidade nos espaços das frases de produzir sentidos subjetivos únicos (Rey, 2005).

As frases que formam o instrumento não definem seu valor pelo conteúdo explícito, pois mediante cada frase, cada sujeito pode expressar, com independência, sentidos subjetivos muito diferentes daqueles que tais frases explicitamente sugerem. Por seu próprio caráter, esse instrumento coloca o sujeito diante de um universo diferenciado de frases, cujo significado deve ser produzido a partir de sua própria subjetividade.

Foram adotados 19 complementos de frases abertas para cada uma das participantes complementarem. De modo a expressarem sua visão a respeito sobre o tema deste estudo.

### **Construção da Informação:**

A coleta de dados foi realizada de um período de observação de três meses objetivando-se identificar mulheres o mais próximo do perfil possível da apresentação e diálogos sobre a compulsão em suas vidas. Por tanto compatível ao preestabelecido de pesquisa.

- Vivência do pesquisador de três meses, num total de oito encontros ao MADA/DF.
- Contato pessoalmente com as participantes e agendamento das entrevistas.

### **Descrição do processo:**

Os encontros para as entrevistas, foram realizadas no consultório clínico de psicologia do pesquisador e duraram em média 40 minutos cada. As entrevistas foram precedidas de esclarecimento a cerca do interesse do pesquisador em realizar este trabalho. Em seguida, foram apresentados os objetivos da entrevista e do complemento de frases, ressaltando a importância da contribuição das respostas para alcançar os objetivos do trabalho. Nessa oportunidade, buscou-se a aprovação das informantes para a escrita das entrevistas.

### **Descrição do Grupo MADA e do DF:**

**MADA** é um programa de recuperação para mulheres que têm como objetivo primordial se recuperar da dependência de relacionamentos destrutivos, aprendendo a se relacionar de forma saudável consigo mesma e com os outros.

No Brasil o primeiro Grupo MADA foi aberto em São Paulo, por uma mulher casada com um dependente químico que se identificou com a proposta do livro. A primeira reunião do Grupo MADA - Jardins, em São Paulo, foi realizada em 16 de abril de 1994. Em seguida, no Rio de Janeiro, a primeira reunião aconteceu em 06 de julho de 1999.

O Grupo MADA está crescendo em todo o Brasil e, atualmente tem se 40 reuniões semanais distribuídas em 9 Estados brasileiros e o Distrito Federal.

Em geral, cada mulher é aconselhada a freqüentar, pelo menos, seis reuniões, até decidir se quer mesmo continuar a recuperação. Na primeira visita, a pessoa não é obrigada a falar nada. Normalmente, as mulheres se apresentam com seus nomes verdadeiros, já que seguem a idéia de manter o anonimato das companheiras.

A pesquisa foi realizada na unidade do MADA do Distrito Federal.

**Grupo MADA ASA SUL**905 Sul – Brasília Igreja Santa Cruz Reuniões: 3ª feira das 19h30m às 21h30m e Domingo das 17h às 19h.

### **Análise da entrevista e do complemento de frases:**

No processo empregado, fora realizado a leitura das entrevistas aplicadas nas duas participantes do grupo, juntamente com o complemento de frases e fora se definindo hipóteses e analisando o conteúdo que tomam corpo ao longo dos comentários e observações dos sentidos subjetivos dessas mulheres e sua experiência conforme o tema estudado. Em sentido geral, destacaram-se aspectos que serão apresentados a seguir:

**Entrevistada N.**

**(Duração: 38 minutos)**

Mulher de 47 anos, divorciada, casada há 25 anos, mãe de dois filhos e advogada de um órgão público.

Expressou-se uma forte tendência a avaliarem suas histórias em um sentido dramático e negativo e a relação com o álcool. Na grande maioria dos casos, o álcool tinha seu referencial importante na história de vida dessas mulheres. Logo no primeiro trecho da entrevista de N. observamos o sentido da violência doméstica e de seu conflito para amenizar a situação:

*Já no namoro, percebi que ele era muito complicado. Ciúme extremo, ele era agressivo quando bebia, desconfiava de tudo. Era um cara que chegava a ver coisas que não existiam. Até eu sair desta relação, não entendia o que acontecia comigo. Ele tinha crises. Por outro lado, era muito carinhoso, obsessivo, tudo era muito.”*

Observa-se o conflito em um relacionamento destrutivo e o sentido subjetivo de que apesar das agressões tinha seu lado bom e carinhoso, esse lado excessivo pelo qual ela se apaixonara e que cumpriria com suas carências afetivas da infância.

Trata-se de uma pessoa que viveu sua experiência de vida subjetiva como abandonada e rejeitada pelos pais e irmãos, sem receber atenção e acolhimento da mãe e menos pelo pai. Humilhada, largada e sem acolhimento. Resultando na primeira hipótese de um dos maiores temores dessas mulheres de serem rejeitadas, de ficarem sozinhas, medo da solidão. A segunda hipótese é de que geralmente as mulheres que amam demais vem de famílias desajustadas e dramáticas é bem específica neste caso de N.

Observou-se que o sentido subjetivo de sua infância foi de solidão e racionalista. Onde o afeto e comunicação não foram desenvolvidos, tornando-a uma mulher no sentido de ser rígida e não demonstrando emoções. Bloqueio de defesa para não demonstrar qualquer tipo de emoção. Onde não foram supridas as necessidades de afetividade e de um relacionamento familiar sadio. Com as funções maternas e paternas mal empregadas, ou até não realizadas. Desencadeando um medo de ficar sozinha e falta de pertencer a um lar, um lugar, no sentido de ser uma mulher sem origem:

*“Vim de uma família onde as emoções eram veladas, comunicação séria. Na minha família a gente não brigava, mas ficava de mal, chegando a ficar 5 anos sem falar com um irmão. Minha mãe teve 13 filhos que também não se relacionavam. A individualidade era dominante em cada um. Me sinto uma planta sem raiz. Não sinto falta da minha mãe e do meu pai, nem dos irmãos. Tenho bloqueio de sentimento. Perdi o meu irmão de 13 anos, e no enterro chorei para não passar vergonha, não tinha vontade. “*

Foi revelado em sua verbalização o sentimento de incapacidade e impotência diante de um relacionamento destrutivo, como que teve com seu ex-marido, narrado no trecho *“Não conseguia sair daquela estrutura.”*

Neste sentido, o casamento vem com um valor negativo e de anulação. Ela se anula como sujeito na relação para com o parceiro. Este tendo um sentido de batalha e de guerra, mas que ambos os inimigos se complementam.

*“Ele era muito carente e eu não fornecia as minhas emoções como forma de vingança. Eu sou racional e ele sentimental. Nos completamos com nossas doenças. Tinha agressão física, moral e emocional. Vivía no casamento na defensiva. Estava sempre disponível para o temperamento dele, não sabia como ele iria chegar em casa. Estava sempre disponível para qualquer manifestação que ele pudesse querer ter. Ele não tinha limite. Eu não dei limites a ele. Com receio da agressão fazia tudo o que ele queria. “*

O trecho acima apresenta, a submissão e claramente a posição subjetiva feminina de passividade. Não impondo limites e se colocando como pessoa ativa da relação, acarretando em sofrimento a incapacidade de dizer “não”. Mostrado também no complemento de frases deste sujeito: Sofro – “por não impor limites aos outros.”

A entrevista mostra também uma terceira hipótese da existência de conflitos internos, no sentido de uma autodestruição e da pulsão de morte relacionada com o papel de vítima desempenhado por esta na verbalização de que ela vivia para morrer, e sua consciência deste fato. Dá um sentido subjetivo de que a vida é ruim e sofrimento. O conflito de suportar um relacionamento destrutivo com o marido.

Apesar, mostrou-se também motivada para a vida quando relata sobre seus filhos como prazer e a dedicação ao trabalho na frase: Meu maior prazer – *“é o trabalho e os meus filhos.”*

O casamento no sentido subjetivo de agradar o marido e submissão desencadeante por insegurança e medo, submetendo-se a agressões de todos os tipos, inclusive física, por medo de ser descartada como fora em sua infância. A separação se torna o ponto crítico desta análise, no sentido de ser viciante como uma droga e pela extrema ligação do passado, como relatado pelos dois sujeitos desta pesquisa de que seus piores momentos foram as separações destes parceiros destrutivos.

Na questão dois, relatou-se sua concepção de mundo de acordo com sua experiência de vida, de que o mundo é vigilante, espião, controlador e repressor. Tem uma visão mais positiva de recuperação da forte dependência com o parceiro, uma motivação de que vai sair essa e a necessidade pra si mesma de viver bem.

Na questão seis, mostra como a obsessão toma conta do Ego e como este está fraco ao perguntar como ela lida com os pensamentos repetitivos. Quando se sente fraca tenta de afirmar como pessoa através de livros de auto-ajuda.

Na questão sete, ao relatar um fato ruim que acontecera, o sujeito apresenta um sentimento de depressão, de baixa auto-estima, humilhação, impotência, vítima e de submissão voltado ao psiquismo primitivo materno na posição de não oposição, ao ser tratada pelo parceiro como traidora e de ceder aos impulsos sexuais dele quando ele quisesse não importando seu estado emocional. Apresenta também o sentido subjetivo da realização de ser comandada pelo parceiro, por alguém:

*“Uma coisa também que me humilhava....ele tinha compulsão sexual. Toda vez que ele queria, mesmo eu estando triste, magoada, com raiva eu estava transando com ele e fingia que gozava. Ele achava que sexo era obrigação. Tinha a “neura” de ter relações direto para eu não procurar em outros homens. Foi uma agressão muito grande.”*

Na última questão que aborda o tema sobre vínculos afetivos, expressou-se vergonha dos pais e expressão emocional censurada pelos mesmos. E que no relacionamento o abandono é inevitável dando a ela uma esperança de dar um prazer impossível ao parceiro para que isso não aconteça com ela. Idéia de afeto se relacionar com submissão.

*“Eu não tenho vínculo com eles...meus pais são do interior. Eles são rústicos. A minha mãe ia tendo um filho atrás de outro. A diferença de idade da minha irmã mais velha é de 12 anos. Sempre senti que a minha mãe de verdade era a minha irmã. Ela odiava ter de cuidar das crianças, das minhas outras irmãs. Descobri mais tarde que não tive mãe. Lembro dê de pequena, que cada um se virava por si.”*

N. mostra o sentido subjetivo de sua imagem quando criança de ter sido invisível para com a família, denota se que ela foi aquela que nunca pediu nada para não causar mais transtorno, não fez qualquer tipo de exigência com seus pais. Exitando acrescentar qualquer peso à família já sobrecarregada. Desta forma evita a dor, ficando em seu quarto, dizendo poucas coisas e se virando sozinha em suas atividades, traçando um possível traço de sua personalidade formada.

N. mostra um sentido positivo do elemento compulsivo ao abordar na entrevista como se expressar e descarregar os pensamentos compulsivos, no sentido subjetivo de estudar para descarregar toda angústia e energia. Onde podemos inferir o valor positivo deste tipo de comportamento, o que lhe trás futuramente um bom cargo no setor publico, com necessidade de ser reconhecida no trabalho.

### **Complemento de Frases N.**

Ao utilizarmos o complemento de frases; encontramos rapidamente um conjunto de frases que se relaciona com o sentido subjetivo da mulher que ama demais e que não se refere diretamente necessariamente a sua história infantil:

Amar: é a essência da vida.

Meu maior prazer: é o trabalho e os meus filhos.

O futuro: a Deus pertence

A vida: é transitória e devemos buscar a felicidade.

O passado: para ser olhado.

Homem: é essencialmente bom.

Um vista rápida sobre essas frases nos permite abrir um conjunto de hipóteses que nos remete a sentido subjetivos que marcam o caráter de valores positivos e motivacionais em sua vida. Apesar do conflito ela está interessada e motivada pela dedicação ao trabalho e pelos filhos. Nas frases não vemos mencionar a figura do parceiro diretamente. Sua tendência é de buscar a essências de seus valores afetivos com relação a si mesma. Infere a idéia de que a vida é incerta, transmitindo um sentido subjetivo de insegurança e medo. Designado ao papel religioso o guardião de seu futuro.

A primeira hipótese que se infere é a do caráter conflito interno atual de N. onde devido o seu contexto-histórico, da incapacidade de se conhecer e ser ativa como sujeito na sociedade e em seus relacionamentos. O sofrimento e valor negativo se interpretam pela questão de anulação e pelo vazio que ficou dos resquícios infantis de possuírem uma família afetiva e sadia. Necessidade de se conhecer e melhorar sua convivência. Na frase Homem – essencialmente bom; podemos ver a hipótese de anuência da figura paterna ou de alguém que desempenhasse tal posição e que faz com que a mulher idealize o pai como homem bom.

Desejo: entrar em contato comigo mesma, me conhecer melhor e viver melhor comigo e com os outros.

Nunca consegui: ser decidida.

Gostaria: de ser mais decidida.

Sofro: por não impor limites aos outros

Fico realizada: quando cuido de mim.

Secretamente eu: ainda penso que a vida e o amor são sofrimentos.

Preciso: melhorar a minha relação comigo.

Meu pior momento: quando entendi que o meu relacionamento pode acabar de fato.



Esse conjunto de frases infere o valor negativo de sofrimento. Observa-se a necessidade de se auto-firmar como mulher, no sentido de querer se conhecer melhor para se impor, o que não diz ser realidade de fato. Relata-se sofrer pela incapacidade de dizer não as pessoa e expressar sua posição e opinião. Com a função de seu eixo no outro, demonstra a realização em cuidar de si mesma quando consegue.

Em seu interior, o sentido subjetivo de vida e de amor, ainda estão relacionados ao sofrimento e a dor, mascarada por ela ao abordar verbalmente as frases, já mencionadas no primeiro bloco sua concepções sobre a vida e o amor. Em ambas as entrevistadas seus piores momentos na vida foram à tomada de consciência de que o relacionamento pode se romper na realidade apesar de seus extraordinários esforços, a rejeição vindo à tona de que todas as pessoas as abandonam, construindo um sentido subjetivo de que não são merecedoras de amor, afeto e acolhimento.

A seguinte frase:

O casamento – precisa de trabalho para dar certo.

É importante ser ressaltada, pelo tipo de fuga que N. coloca como solução de sua carência paterna e como tem trabalhado para conquistar esse pai novamente.

### **Entrevista S.** **(Duração: 35 minutos)**

Mulher, 33 anos, casada duas vezes, mãe de dois filhos, superior incompleto e secretária.

Logo no início da entrevista S. infere o sentido subjetivo de família, verbalizado por ela como uma instituição fragmentada e dramática, constituição onde não se vê união, afeto e alegria. Resultado deste sentido de sua história infantil, dos conflitos familiares e das circunstâncias da experiência de vida. Uma instituição dramática e dolorosa. Onde as pessoas não se relacionam afetivamente e cada membro a abandona e seguem seus caminhos:

*“Eu sou a filha caçula de uma família fragmentada!” A minha mãe se casou com um estrangeiro, boliviano e se separou. A guarda da filha ficou com o ex-marido. Apanhou muito dele e veio fugida para o Brasil e perdeu a guarda.*

*Entre a minha irmã mais velha e eu, tem 18 anos de diferença. Até a minha mãe conhecer o meu pai, foram 12 anos. Ele era mais novo que ela e viveram dois anos juntos.... a minha história começou que ela engravidou por acidente e ela já tinha 39 anos e foi uma gravidez de risco. Ele tinha 20 anos. E vivemos os quatro juntos por dois anos.”*

A conotação da estrutura familiar vivida por S. denota –se a idéia de como se desenvolveram seus valores e concepção de vida em torno de uma estrutura familiar mostrada acima. Uma das hipóteses é da origem da mulher que amam demais, vindas de famílias destrutivas e precárias em termos de afeto, relacionamento e em outros sentidos. No sentido subjetivo de viverem em lares desastrosos, onde não foi realizada uma boa função materna e paterna. Deixando a mulher na fase adulta em uma posição de submissão e passividade. No capítulo teórico mencionamos que os valores que os filhos possuem são herdados em detrimento de seus cuidadores e sua formação do seu conceito subjetivo de relacionamento será visto pelos dentro de casa. O trecho a seguir apresenta o sentido de subjetividade que S. possui sobre relacionamento:

*“Não lembro de ver meus pais se beijando, só brigando. E lembro que meu pai sumia e voltava de vez em quando. A minha irmã tinha raiva de mim e ciúme. A minha mãe não tinha estrutura para ficar com as filhas. Ela tinha aquele transtorno de 8 ou 80. Como ela fazia muito carinho, ela me batia e me chutava também aos mesmo tempo. A minha irmã era meu espelho...ela sempre me batia. Eu era uma criança manhosa, eu chorava, eu gritava para conseguir o que queria porque ninguém me ouvia. Sempre fui boazinha, boa menina.....Quando eu tinha 6 anos o meu pai faleceu. A minha mãe criou uma imagem de que ele era um cara perfeito. Ele tinha outra namorada. A minha mãe era a bruxa e o meu pai o anjo. A minha mãe é esquizofrênica e está internada num hospital psiquiátrico. “*

Infere-se a idéia de o que é uma família no caso de S. e a idéia de contexto familiar que ela cresceu. Mais uma vez compilando com um lar desajustado e sem estruturas fortes para passar pra ela. A necessidade de dominar o relacionamento, com um parceiro desajustado, é apresentado na entrevista assim como seu papel de vítima e submissão ao parceiro. Infere-se a idéia de poder e de controle de tudo:

*Aos 16 anos me pus fisicamente como imposição, me separei da minha família: fui para ao Estados Unidos. Fui fazer faculdade na Bolívia morando na casa de meu irmão. Nessa fase conheci o meu primeiro marido. Na minha concepção eu era a coitada. Logo engravidei e tive um filho. Nesse relacionamento eu era emocional e ele era frio. A indiferença dele me matava! Não fazia nada por mim e eu fazia tudo para agrada-lo. Fazia festa de aniversário surpresa e ele nada. Me tornei totalmente dependente deste homem. Tinha a sensação de que não era valorizada, fiquei 5 anos nesse relacionamento. Aparentemente controlava tudo, mas intimamente era fraca. Eu era o homem da casa!*

No trecho acima infere-se o sentido subjetivo de que é o homem que controla a casa e que é o chefe da família. Possui demonstração de afeto para com o marido, carência e auto-sacrifício junto com a visão de homem egoísta que ele não fazia nada.

Apresenta consciência de sua submissão e que fugia dos lugares que lhe traziam sofrimento assim como seu pai o fazia, e um dos lugares escolhidos atualmente para seu refugio é Brasília, por ser uma necessidade feita por imigrantes e fria. O sentido subjetivo da gravidez para ficar com o parceiro reconstruir a atmosfera familiar como na infância. Apresenta ter uma personalidade forte e dominadora, de batalhar e fazer o impossível para conseguir o que quer, o prazer impossível de Lacan, acarreta-lhe conseqüências em sua saúde:

*“Sou muito insistente. O momento da separação foi horrível pra mim. Tenho o padrão de batalhar para conseguir as coisas que eu quero. (Seus olhos se encheram d`água!) Fiquei em uma crise de estresse, o meu cabelo caía, as minhas unhas caíam. (Usa peruca) Tava vivendo uma tragédia!”*

Apresenta ter dificuldades internas para terminar o que começa. Conseqüências do estresse e esgotamento físico, mental e emocional em relação a este tipo de comportamento.

*“Foi quando eu estava estabelecendo a minha vida, apareceu esse homem, o Renato, na embaixada, no meu primeiro trabalho aqui. Foi paixão imediata! Na primeira semana ele já estava dormindo na minha casa e eu achei ótimo. E foi aos quatro meses que ele começou a agredir pessoas, quebrou um copo no bar uma vez e um celular e também a esconder coisas da vida dele. Eu provocava a reação nele, e ele me bateu. Começamos a jogar. Pensei: “ Que homem ruim! O nosso relacionamento era um jogo, de ação e reação, choros, brigas e delegacias de polícia. “*

Observa-se no trecho acima, a paixão forte que S. sentiu ao ver seu novo parceiro, dando um sentido subjetivo de paixão como oportunidade de ajudar um homem, o que poderia ser na verdade a paixão pelo pai ou pela mãe na infância, tendo este uma figura masculina ou feminina parecida com os comportamentos do pai ou da mãe real, dando a sensação de paixão imediata, como ela relatou. Um pai que não cumpriu com a ordem paterna. E onde ela irá buscar nos homens quem possa preenche-lo. Infere-se também neste mesmo trecho a idéia subjetiva de relacionamento sinônimo de jogo, de provocação, expectativa, onde sempre se terá um perdedor e um ganhador.

A demonstração de mais um trecho no campo da paixão imediata de S. mostra mais uma vez, por quem na verdade ela estava se apaixonando:

*“Com o pai da Júlia, a caçula, vivi um processo exatamente o mesmo a uma briga igual a dos meus pais. Ele tinha a personalidade “Jack and Hid” as mesmas características da minha mãe. Ele luta marciais.”*

Uma repetição clara da atmosfera infantil e a sentido subjetivo de estar se sentindo em casa, como sua mãe e seu pai. A necessidade de recriar o cenário e o relacionamento influenciado pelo comportamento dos pais. Uma mãe que possui uma personalidade de médico e de repente vira um mostro causa muita confusão na

psique da criança, mas que S. teve que recriar se apaixonando por um homem com este tipo de personalidade, na intenção de conquistar a mãe.

O fator mais importante desta análise de entrevista é o elemento compulsivo e sua maneira de se expressar nas mulheres que amam demais. Neste caso, vemos a compulsão na vida de S. no sentido subjetivo de possuir restos psíquicos de uma má formação materna e paterna. Revela-se também um quadro depressivo. Se ela não consegue se satisfazer em um tipo de compulsão parte para outro, na tentativa de preencher o vazio, a carência, o afeto negado. Tendo internamente obsessões que se senti como impulsos rejeitados quando criança.

*“Engordei 30 quilos. Eu só chorava.....fui engordando. Fui atrás para saber sobre compulsão alimentar. A ligação da minha relação doentia com a compulsão. Não consigo comer uma bala, tem de ser o pacote inteiro....  
Descobri que sou uma pessoa compulsiva, se eu não praticar a de alimentar eu vou praticar a compulsão por bebida, se não tiver a de bebida vou praticar a compulsão por sexo. Não basta uma vez, quero várias vezes...Para comprar também, hoje comprei essa saia (mostrando com as mãos uma saia de flores), mas tive de comprar três dessas igualzinhas e a blusa também. Não consigo comprar só uma, tem de ser três. Aliais, três é meu numero!”*

Uma hipótese vista neste trecho, está relacionada a sua obsessão pelo número três, o que podemos inferir a necessidade subjetiva de preencher o terceiro elemento vital, o objeto paterno, para que se possa completar a tríade familiar de pai, mãe e filhos.

### **Complemento de frases de S.**

Este mecanismo do Superego rígido faz com que a pessoa não se conheça e percebe o que se passa dentro dela, na frase complementada por ela:

Nunca consegui: me aceitar completamente.

Esta frase trás o sentido subjetivo de conflito interno pelo momento atual que S. esta passando em recuperação a uma forte dependência e a valores destrutivos. Já no conjunto de frases abaixo, denotam um sentido de necessidade de se conhecer e valorização da pessoa que é. Vemos também a compulsão de comer como sentido de prazer e ocupação de sua carência.

Desejo: ser feliz

Amar: a mim mesma

Meu maior prazer: comer, estar só.

A vida: boa

Sempre quis: ter paz

Gostaria: de ser equilibrada

A frase sobre a vida, denota uma motivação para se recuperar e o sentido subjetivo de satisfação. As duas últimas frases, do conjunto acima, mostram o conflito e a busca de recuperação deste tipo de comportamento exaustante, o qual gostaria de eliminar a menos verbalmente. E o seu desejo de sair da compulsão e das demandas de comandos internos dos impulsos.

S. apresenta estar em um momento de conflito interno do sentimento de abandono e de desilusão sobre os valores de sua vida, mostrando mais uma vez a hipótese de uma depressão e melancolia fruto de seu contexto histórico de vida e mostra também o sentido subjetivo de amor conhecido através do sofrimento:

Sofro: por amor.

O casamento: eterno não existe.

Relacionamento: um desafia, me desestrutura.

Secretamente eu: me sinto frustrada às vezes.

A carência não preenchida pela figura masculina, não trás a criança para o mundo social, para a sociedade, tendo visto o papel do pai que mostra como a criança irá se socializar e se relacionar. S. apresenta dificuldades em se relacionar com a figura masculina e o relato de não conseguir se aproximar de seu filho. Explícito na frase de desconhecer esta figura, não desvendado. Pis não obteve alguém que preenchesse esse papel na infância, já que ela só conheceu a mãe que é igual a ela em termos sexuais. Para S. o sentido subjetivo de relacionar se dá positivamente com pessoas do mesmo sexo. A visão dramática da instituição familiar dramática, natural das mulheres que amam demais, originadas de famílias desestruturadas.

Na família: tudo é um drama.

Homem: desconhecido.

Preciso: de um companheiro.

Meu pior momento: separação.

Outra característica desse tipo de mulher é a dependência mostrada na terceira frase. E o medo de se sentir abandonada e sozinha na última frase, no sentido subjetivo de que quando separa, ela perde uma parte dela, não toma consciência até onde ela se estende ao parceiro e onde ela termina. Perde o afeto do pai.

Fico realizada: quando concretizo uma tarefa.

As doenças: tem cura.

O futuro: começa agora.

O passado: pode ser reinterpretado.

Ao final, o conjunto de frases acima apresenta um sentido positivo com relação a si mesma e aos seus valores. Necessidade de trabalhar o passado para estruturar o presente e o futuro.

### **Considerações finais da análise:**

N. apresentou sua história de vida relacionada a conflitos familiares, carência afetiva, relação com álcool, agressões de todos os tipos, delegacias de polícia, mortes, infelicidade e tristeza. S. Apresentou baixa auto-estima desde cedo, com uma estrutura de personalidade foi denegrida, a sentir-se ninguém, gerando insegurança e o parceiro como salvação e da necessidade de ser reconhecida e especial.

Ambas entrevistadas apresentaram um sentido subjetivo de família negativo e infeliz. Com dificuldades de se controlarem e compulsões intensas prejudicando suas saúdes. O momento mais crítico na vida foi o da separação, no sentido de ser adjetivado como “terrível e dramático”, parecendo estas terem perdido suas

batalhas. Quanto mais difícil e torna terminar um relacionamento que é ruim para a mulher, mais elementos de conflito da infância ele contém.

Um ponto forte em comum, fora que ambas tiveram a morte dos pais, uma o pai se suicidou e da outra morreu quando ela era criança, criando o sentido subjetivo abandono pelos pais. Falta do terceiro elemento vital, a figura masculina. As mães também foram excluídas de seus convívios. Os parceiros de suas vidas as completavam no sentido de serem opostos de suas personalidades, se uma era emotiva escolhia um parceiro racional e vice-versa. Fator necessário para ocuparem o outro lado de sua estrutura psíquica não desenvolvida.

No decorrer das entrevistas, ambas apresentaram repetidas vezes carência e a necessidade de serem reconhecidas pelas pessoas, em decorrência de como foram denegridas na infância, se realizam ao receberem um elogio no trabalho ou na terapia de grupo. Por isso a importância do sentido subjetivo do conhecimento, dos estudos.

Ambas desenvolverem, como expressão de suas posições femininas subjetivas passivas, os elementos compulsivos que dificultam seus cotidianos. As mais relatadas por elas são a de comida, por sexo, álcool, estudos, comprar, mitomania e de mutilação contra si mesmas.

Elas amam demais porque tentam superar medos antigos, raiva e frustrações vindas da infância e desistir do parceiro é abandonar ela mesma e uma oportunidade, preciosa, de achar alívio e retificar os erros que cometeram.

### **Comentários Finais:**

Deve-se a obsessão patológica mencionada no capítulo um uma abrangência muito mais importante que relata a construção social do gênero feminino e sua influência nas mulheres que amam demais,

A sociedade tem como característica desenvolver seus valores, crenças e cultura com os mandantes do poder e fazer funcionar de acordo com suas leis e imposições para tornar o convívio entre seus cidadãos o mais pacífico possível. No entanto, mulheres, negros e homossexuais são oprimidos e submetidos a uma repressão violenta realizada pelos homens que estão no poder. Nos doutrinando na maneira de criar nossos filhos e de nos relacionarmos uns com outros. O machismo ainda predomina em todas as áreas da sociedade humana, apesar da luta e



reivindicações destes grupos excluídos, as mulheres estão se posicionando com independência e capacidade de força paralela aos homens.

O social ainda denigre o gênero feminino por suas diferenças da natureza humana, diferente não quer dizer superior. A imposição do “pai” autoritário cultural na sociedade deixa muitas vezes por não cumprir com sua ordem de socializar as mulheres, tornando seus filhos pessoas carentes, frias, machucadas, brigando por conquistas externas como vemos acontecer no mundo.

Excluem as mulheres e as reduzem a um certo número de papéis, subjugadas pela força e órgãos sexuais. Plantando a submissão e desvalorizando o feminino.

Acatamos esse sofrimento de um pai ausente como um aspecto natural. E este estudo vem dizer que o buraco é mais embaixo. As pessoas estão carentes de amor, de afeto, depressivas, não sabem como se relacionarem e viverem em sociedade porque não têm no início de suas vidas pessoas que desenvolvessem o papel de mãe e o de pai. Desenvolvem um conceito de amor deturpado em sofrimento e dor.

Esse sentimento é aprendido na família, nas interações entre crianças e os adultos que as criam. A subjetividade de cada um irá depender de como recebeu na realidade, em seu contexto de vida, essa emoção. As distorções de amar são frutos de como as crianças foram tocadas e carregadas, e como foram atendidas suas necessidades na infância. As expressões de amor entre seus pais e o que elas conseguiram experienciar ou não na vida. O modo como foram amadas por suas famílias mais as visões da televisão, filmes, livros, jornais, irão formar sua subjetividade do que significa amor e como experienciar esse sentimento com as outras pessoas (Stanley, 1996).

A importância do senso-comum, não obstante ser chamado de inimigo da ciência, são verdadeiros estímulos para se organizar as representações sociais sobre como ocorre a dinâmica do relacionamento e de recriarem os valores do amor, além de estudar os comportamentos no sentido de auto-afirmações positivas para as pessoas desacreditadas em si e em suas vidas. Dizem o que seus pais e seu país não disseram, que são merecedoras de amor, que são importantes e a se importarem com elas mesmas.

Em destaque, as mulheres são as mais propensas ao instinto de se sentirem amada e desejada. Possuem mais facilidades em dar carinho e afeto e assim a

demonstrarem suas emoções e até porque são maternas. Tendem a dominar e a controlar o companheiro quando lhes faltaram na infância segurança e apoio. Neste estudo mostramos um pouco do universo das mulheres que amam demais. Mulheres que a necessidade de controlar e dominar viram obsessões, acarretando em auto-sacrifício, dor e sofrimento em suas vidas. Criam um vínculo de co-dependência com o parceiro e passam a manipular para não serem abandonadas por este. A paixão forte pelo parceiro é na verdade a paixão pelo pai. Passam suas vidas a conquistarem as pessoas, ajudando e fazendo pelos companheiros o eles poderiam fazer por si mesmos. Escolhem homens destrutivos para que continuem na mesma atmosfera de sua infância, do que lhes foi negado: o carinho, lealdade e apoio de um pai.

O grupo das mulheres que amam demais é um ponto positivo no incentivo da união feminina, de força para superar o sofrimento de do comportamento de amar demais os parceiros, tentando lhes dar um forte de relacionamento seguro e prazeroso impossível de se ter, com medo de serem abandonadas como foram por seus pais.

O que foi observado durante o período de pesquisa deste grupo são as recaídas que essas mulheres sofrem, de não conseguirem sair deste padrão de comportamento de se apaixonarem por homens destrutivos ou voltarem para seus ex-parceiros, sem aceitá-los como realmente são. Pulam de um casamento para outro, ou relacionamento para outro, cada vez se machucando mais, com direito a intervenção judiciária e criminalista. Observou-se também, a preocupação de como as relações destrutivas com esses parceiros influenciaram na vida dos filhos gerados destes compromissos e a importância de tomar consciência de não passar para eles o desprezo que essas tem pelo companheiro, pelo pai de seus filhos.

Muitas dos membros do grupo, tratam a dinâmica de amarem demais como doença ou uma síndrome. Podemos dizer que nascemos com uma pré-disposição para este tipo de personalidade e que somos inseridas no contexto de meio e história individual familiar precária. Mas temos também a hipótese de que não nascemos com isso e essa personalidade de vítima, manipuladora e sofredora vão se desenvolvendo ao longo do convívio com os pais. Para esclarecer melhor, Foucault defini a diferença de doença e de distúrbios da personalidade – *“Concerniria de qualquer modo à situação global do indivíduo no mundo; em vez de*

*uma essência fisiológica ou psicológica. É uma reação geral do indivíduo tomado de sua totalidade.” (1994, p. 16).*

Vê se o tipo de comportamento como um dano destrutivo e até mortal ao conjunto de personalidade feminina. Não esqueçamos que o meio e a história individual contribuem para o desenvolvimento de um quadro de “amar demais”. Até que ponto podemos considerar a co-dependência a homens destrutivos como doença? Ou doença mental? Possuindo sintomas, causas e efeitos? Essas perguntas são freqüentemente debatidas entre o grupo de recuperação, pois se colocam como mulheres doentes e como disse um delas – “Quero me curar da minha madísse!”, de uma suposta mania de amar demais. A terapeuta Nodrwood (1985), fundadora do grupo, aborda como uma patologia e doença tão grave quanto o alcoolismo, e tão dependente quanto.

A abordagem como doença se dá pelos conflitos internos e conseqüências destrutivas no desenvolvimento de doenças, crises, síndromes e compulsões devido à permanência deste comportamento. São mulheres vindas de famílias fragmentadas e que tendem a apresentar baixa auto-estima, estrutura de personalidades denegridas, frustrações, inseguranças, medos e tem o parceiro como salvação da necessidade de serem reconhecidas e especiais.

Foram identificadas, as compulsões presentes neste fenômeno como expressão de sua posição de passividade e submissão primitiva, originados na fase edipiana e a falta do terceiro elemento vital para a trindade pai, mãe e filho. Os rituais de anulação são expressão do vazio e acabam por atrapalhar seu cotidiano e sua saúde. Foi identificada a existência de rituais antes de dormi, compulsões por sexo, compras, estudo, mentir e principalmente por comida, dar-se a um início de estudo sobre a relação da mulher com a comida.

Ao finalizar este trabalho, faço um breve comentário de como esse comportamento influencia no individual dessas mulheres e no coletivo. Sabe-se que o fenômeno de amar demais faz com sua influencia no individual diz respeito aos aspectos físicos, como desgaste emocional, mental e físico As conseqüências físicas, emocionais e mentais são grandes. Essas mulheres acarretam estresse fazendo com que seus cabelos caiam, suas unhas, seu humor, suas vidas. Conflitos internos de passividade e de luta constante em detrimento a relação doentia, criando

estresse e depressões. Influência a baixa auto-estima, o abandono e o medo de ficarem sozinhas. Também influência a necessidade em ajudar as pessoas.

No coletivo a influência se dá no ciclo em gerações que se passam à maneira de se relacionarmos, quando o avô abandona a avó, o pai abandona a mãe e assim o companheiro a abandona, tendo essas necessidades herdadas de escolherem parceiros destrutivos. A história da família dramática se repete até a nova geração. Uma carência que é passada de geração em geração. A influência em passar esses valores para os filhos e o modo de cria-los, muitas vezes os afastando dos pais deixando mais uma vez o desconhecimento da figura masculina. De se relacionar no trabalho, na comunidade, de não se impor diante as pessoas e da sociedade.

### **Conclusão**

No ponto de vista da autora deste trabalho, as mulheres que amam demais são pessoas que se crescem em famílias fragmentadas, que não possuem a participação do terceiro elemento vital, a presença do pai em suas vidas, dando apoio e carinho, desconhecem o gênero masculino, assim como a figura paterna. Como mecanismo de defesas do vazio que fica, desenvolvem rituais e compulsões para continuarem no prazer e não enfrentar a realidade.

São mulheres submissas, que no casamento e no relacionamento dual são sujeitos nulos, não impõem seus valores perante o parceiro, se anulam diante dos fatos de suas vidas. Podemos chegar a conclusão de que são mulheres que não tem limites, apresentam dificuldades em dizer “não” pois não tiveram uma boa função

paterna de censura. Sofrem bastante na dependência da identificação com o companheiro e como sair deste estado de ilusão dolorosa é um processo demorado que tem de ser bem trabalhado, onde tendem a ficar na recuperação de sua auto-estima e de uma vida tranqüila, mais saudável.

É importante destacar a seriedade da questão da posição subjetiva feminina no seu desenvolvimento, diante da própria sexualidade, o que muitas vezes as impedem de se imporem na sociedade.

Hoje, nos consultórios de psicologia e de psiquiatria estão sendo procurados por essas mulheres e elevo a importância de termos à consciência desta grande demanda feminina em busca de desvendarem seus enigmas antes que suas vidas destrutivas as sucumbam, a do amor narcísico. A libertação para a uma posição ativa, de transformação em mulher mais madura, saudável, mais verdadeira, mais satisfeita e por tanto mais feliz. O processo pode ser longo e difícil, mas as mudanças são libertadoras do medo da solidão. O despertar para a vida e não para a sobrevivência. Incluindo também no processo de recuperação, o bonito e fundamental trabalho de união das forças femininas diante do comportamento de amar demais para viverem melhor.

A realização desta pesquisa sobre este tema me propiciou novos conhecimentos e muitas reflexões. Tenho certeza de que o tema não foi esgotado; ainda há muito a conhecer, estudar, pesquisar, analisar e explorar. Aos desenvolver os capítulos e a conclusão, me deparei com uma dificuldade em expressar em palavras meus sentimentos e minhas percepções. Michel de Montaigne (1533-1592), pensador francês, cita a seguinte frase: *“A palavra é metade de quem a pronuncia, metade de quem ouve.”* Adapteí essa frase para o meu trabalho: *“Esta monografia é metade de quem a escreveu e metade de quem lê.”*

### Referências Bibliográficas

Ailton, E. *O Mapa do Amor*. São Paulo: Vozes, 2005

Bollas, Christopher. *Hysteria*. São Paulo: Escuta, 2000

Cordás, T. & Salzano, F. *Saúde Mental da Mulher*. São Paulo: Atheneu, 2004

Fenichel, Otto. *Teoria Psicanalítica das Neuroses: Fundamento e Bases da Doutrina Psicanalítica*. São Paulo: Atheneu, 2000

Foucault, Michael. *Doença Mental e Psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994

Freud, Sigmund. (1931) *Sexualidade Feminina Volume XXI*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996

Gray, John. *Homens são de Marte e Mulheres são de Vênus: Um guia prático para melhorar a comunicação e conseguir o que você quer nos seus relacionamentos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

Guilhaume, Paull. *Manual de Psicologia*. São Paulo: Brasil Companhia Editora, 1967

Johnson, R. A . *She: A chave do entendimento da psicologia masculina*. São Paulo: Editora Mercuryo, 1993

Julian, Philippe. *Psicose, Neurose e Perversão: A leitura de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004

Keleman, Stanley. *Amor e Vínculo: Uma visão somática emocional*. São Paulo: Summus Editorial, 1996

Leonard, Linda S. *A Mulher Ferida: Em busca de um relacionamento responsável entre homens e mulheres*. São Paulo: Summus Editorial, 1997

Norwood, Robin. *Mulheres que Amam Demais*. São Paulo: ARX, 1985

Rey, Fernando. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade*. São Paulo: Thomsson, 2005

Rios, Dermival Ribeiro. *Minidicionário Escolar da língua portuguesa*. São Paulo: DCL, 2000

Rosis, Helen A . *Mulheres & Ansiedade*. Rio de Janeiro: Agir, 1983

Sanford, John A . *Os parceiros invisíveis: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós*. São Paulo: Paulus, 1987

Santos, Eduardo F. *Ciúme: O lado amargo do amor*. São Paulo: Gente, 2000

Silva, Marco A . *Todo poder as mulheres: Esperança de equilíbrio para o mundo*. São Paulo: Editora Best Seller, 2001

Tiba, Içami. *Homem Cobra Mulher Polvo: Entenda as diferenças e seja muito mais feliz*. São Paulo: Gente, 2004

## Apêndices



## **Apêndice I**

### **Dados da entrevista escritos à mão:**

#### Questões abordadas:

- 1) Fale me sobre sua história de vida?
- 2) Que conceito de mundo você possui sobre sua experiência de vida?
- 3) Como você tem vivenciado essa experiência da Mulher que Ama Demais?
- 4) Como você lida com os pensamentos repetitivos?
- 5) Fale me sobre um fato que você se sentiu inferior, machucada?
- 6) Fale me sobre seus vínculos afetivos com os parceiros e com a sua família?

## **Apêndice II**

**Complemente as seguintes frases, sendo sincera e honesta consigo mesma:**

- 1) Desejo
- 2) Amar
- 3) A vida
- 4) Sempre quis
- 5) Meu maior prazer
- 6) Nunca consegui
- 7) Gostaria
- 8) Sofro
- 9) Fico realizada
- 10) As doenças
- 11) Na família
- 12) O casamento

13) O futuro

14) Homem

15) Relacionamento

16)O passado

17)Secretamente eu

18)Preciso

19)Meu pior momento

## Apêndice III

### Entrevista: Neuza

#### 1) Fale-me sobre a sua história de vida?

“Fiquei 18 anos casada, tive dois filhos com esse parceiro. Já no namoro, percebi que ele era muito complicado. Ciúme extremo, ele era agressivo quando bebia, desconfiava de tudo. Era um cara que chegava a ver coisas que não existiam. Até eu sair desta relação, não entendia o que acontecia comigo. Ele tinha crises. Por outro lado, era muito carinhoso, obsessivo, tudo era muito.”

“Vim de uma família onde as emoções eram veladas, comunicação séria. Já a família dele era muito unida, mesmo entre tapas e beijos. Na minha família a gente não brigava, mas ficava de mal, chegando a ficar 5 anos sem falar com um irmão. Minha mãe teve 13 filhos que também não se relacionavam. A individualidade era dominante em cada um. Me sinto uma planta sem raiz. Não sinto falta da minha mãe e do meu pai, nem dos irmãos. Tenho bloqueio de sentimento. Faço terapia para ter contato com as emoções, principalmente com as doloridas. Perdi o meu irmão de 13 anos, e no enterro chorei para não passar vergonha, não tinha vontade.

“Nesse casamento, eu tinha um parceiro muito emocional. Sentia raiva, ódio, vontade de vingança. Não conseguia sair daquela estrutura. Não tinha uma relação amorosa. Ele era muito carente e eu não fornecia as minhas emoções como forma de vingança. Eu sou racional e ele sentimental. Nos completamos com nossas doenças. Tinha agressão física, moral e emocional. Vivia no casamento na defensiva. Estava sempre disponível para o temperamento dele, não sabia como ele iria chegar em casa. Estava sempre disponível para qualquer manifestação que ele pudesse querer ter. ele não tinha limite. Eu não dei limites a ele. Com receio da agressão fazia tudo o que ele queria.

Eu sofria para morrer. Vivia ansiosa. Para mim a minha vida era toda ruim. Não usufruía das coisas boas. A parte boa dessa relação eu não vivi. Não posso ser feliz, eu pensava. Eu me boicotava o tempo todo. Com os meus filhos descontei neles a minha frustração. Naquele afã eu afastei eles do pai. Eu afastava eles do pai. Me transformei em um escudo entre eles e o marido. Para eles falarem com o pai era através de mim. Passei para eles minha ansiedade, insegurança e eles não gostavam do pai.

Separei 4 vezes desse cara. Meu ex-marido foi filho de pais alcoólatras. O pai dele bebia muito e ele era o filho mais velho e me dizia que tinha sofrido muito. Descobri que eu era co-dependente. Quando li um livro sobre o assunto. O livro se encaixou perfeitamente em minha vida. Tudo o que eu estava passando estava ali escrito. Antes de eu ter contato com a terapia eu pensava que ele precisava se tratar. Fui para a terapia de casais mas não deu certo. Co-dependente em último grau. Hoje faço terapia individual.

Parei de me comportar só para agrada-lo e isso ele não aceitou e me agrediu brutalmente. Assim decidi me separar pela ultima vez. Mas ele sempre voltava pedindo pra voltar. As recaídas são muito piores.

Á muito tempo fui fazer uma ocorrência na polícia e vi a propaganda do MADA. E tive uma surpresa boa do grupo. Não acreditava muito na terapia de grupo. Foi muito produtivo. “Tem 1 ano e 10 meses que freqüento assiduamente. E aprendi muito. Os depoimentos, a impressão que dá é uma identificação muito grande com as histórias. To me fortalecendo. Melhorei muito a relação comigo. Descobri que não sou vitima, eu era uma vitima e usava esse papel para tudo. Tenho muita coisa para melhorar. Eu vejo como eu tenho resquícios da infância. Tenho um bloqueio da infância. Eu fujo deste assunto direto.”

“Atualmente estou numa fase em que estou entrando em contato com as minhas dores. Me permito chorar. Hoje eu me separei fisicamente, mas não consegui me separar emocionalmente. É uma guerra, uma luta de braço. Não consigo sair. Estou escorregando com ele.

Tenho necessidade de passar meu relacionamento a limpo com o meu parceiro. Preciso expor meus sentimentos. Ele não conhece o que eu sinto, nem eu conheço o que ele sentiu.

## **2) Que conceito de mundo você possui sobre sua experiência de vida?**

“Atualmente, eu vivo assim... em constante vigilância, me baseando em terapia, em grupo e em livros de auto-ajuda. Não preciso viver sofrendo! Antes eu achava que eu tinha que me estribuchar no lamaçal. Hoje eu quero viver! Eu maqueio as coisas ainda. Eu vim para a vida para viver bem! Eu não conseguiria mais viver naquele pânico.”

## **6) Como você lida com os pensamentos repetitivos?**

“Leio em livros sobre afirmações, quando estou fraca me deixo sucumbir. Mas o normal é eu tentar reagir. Entender que na minha vida eu mereço coisa melhor. Tentando fazer as coisas que eu gosto.

## **7) Fale-me sobre um fato que você se sentiu inferior, machucada?**

“ Eu sofri muitas agressões. A coisa que mais me angustiava era a desconfiança que ele achava que eu o traía, mas nunca o traí. 25 anos de relacionamento! Me deixava impotente, ele me tratava como se eu o traísse. Ele me colocava em “cheque”. Ele checava tanto o que eu dizia que eu acabei não acreditando no que eu falava. Tinha medo. Não sei como não enlouqueci.

“Nos estudos descarregava toda a minha energia e angustia. Estudava muito. Criei uma compulsão de estudar.

“ Uma coisa também que me humilhava.... ele tinha compulsão sexual. Toda vez que ele queria, mesmo eu estando triste, magoada, com raiva eu estava transando com ele e fingia que gozava. Ele achava que sexo era obrigação. Tinha a “neura” de ter relações direto para eu não procurar em outros homens. Foi uma agressão muito grande.

**10) Fale-me sobre seus vínculos afetivos com os parceiros e com a sua família?**

“Eu não tenho vínculo com eles...meus pais são do interior. Eles são rústicos. A minha mãe ia tendo um filho atrás de outro. A diferença de idade da minha irmã mais velha é de 12 anos. Sempre senti que a minha mãe de verdade era a minha irmã. Ela odiava ter de cuidar das crianças, das minhas outras irmãs. Descobri mais tarde que não tive mãe. Lembro dês de pequena, que cada um se virava por si.

“Meu pai não era pai, era patrão. E mandava e fazia filhos e a minha mãe só fazia o que ele queria. Sentimento é uma coisa que não existia. Era uma família que não tinha problemas. Todo mundo lá faz o que não gosta.

Tive a consciência da desunião entre irmãos. E o meu pai jogava um contra o outro...e sempre pensei que os meus filhos seriam unidos.

“Não consegui passar sentimento para os meus dois filhos! Não consegui passar vínculo, amor, intimidade. Mas nunca soube fazer. Não sei como é o carinho de mãe. Meu pai pensava isso – que para os filhos é comida, roupa e estudo e só! Falava com o meu pai só por educação. Ele se suicidou e planejou durante 7 anos. Ele era deprimido. Ficava 6 meses sem falar com os filhos. Ele era triste, sozinho.....ele não conseguiu chegar aos filhos. Quando ele morreu eu esqueci que tinha pai.

## **Entrevista: Stela**

### **1) Fale-me sobre sua história de vida?**

“ Eu sou a filha caçula de uma família fragmentada!” A minha mãe se casou com um estrangeiro, boliviano e se separou. A guarda da filha ficou com o ex-marido. Apanhou muito dele e veio fugida para o Brasil e perdeu a guarda.

Entre a minha irmã mais velha e eu, são 18 anos de diferença. Até a minha mãe conhecer o meu pai, foram 12 anos. Ele era mais novo que ela e viveram 2 anos juntos.... a minha história começou que ela engravidou por acidente e ela já tinha 39 anos e foi uma gravidez de risco. Ele tinha 20 anos. E vivemos os quatro juntos por 2 anos.

Não lembro de ver meus pais se beijando, só brigando. E lembro que meu pai sumia e voltava de vez em quando. A minha irmã tinha raiva de mim e ciúme. A minha mãe não tinha estrutura para ficar com as filhas. Ela tinha aquele transtorno de 8 ou 80. Como ela fazia muito carinho, ela me batia e me chutava também ao mesmo tempo. A minha irmã era meu espelho...ela sempre me batia. Eu era uma criança manhosa, eu chorava, eu gritava para conseguir o que queria porque ninguém me ouvia. Sempre fui boazinha, boa menina.....

Quando eu tinha 6 anos o meu pai faleceu. A minha mãe criou uma imagem de que ele era um cara perfeito. Ele tinha outra namorada. A minha mãe era a bruxa e o meu pai o anjo. A minha mãe é esquizofrênica e está internada num hospital psiquiátrico.

“Na minha adolescência me rebelava, usava drogas e bebia...a minha mãe me batia. Aos 16 anos me pus fisicamente como imposição, me separei da minha família: fui para ao Estados Unidos. Fui fazer faculdade na Bolívia morando na casa de meu irmão. Nessa fase conheci o meu primeiro marido. Na minha concepção eu era a coitada. Logo engravidei e tive um filho. Nesse relacionamento eu era emocional e ele era frio. A indiferença dele me matava! Não fazia nada por mim e eu fazia tudo para agrada-lo. Fazia festa de aniversário surpresa e ele nada. Me tornei totalmente dependente deste homem. Tinha a sensação de que não era valorizada, fiquei 5 anos nesse relacionamento. Aparentemente controlava tudo mas intimamente era fraca. Eu era o homem da casa!

“Sou muito insistente. O momento da separação foi horrível pra mim. Tenho p padrão de batalhar para conseguir as coisas que eu quero(Seus olhos se encheram d`água!) Fiquei em uma crise de estresse, o meu cabelo caía, as minhas unhas caíam. (Usa peruca) Tava vivendo uma tragédia!

Fui para Europa... me dei uma viagem maravilhosa! Assumi o fato de não ter cabelo lá na Europa. Foi maravilhoso, não usava mais lenço. Pensei estar curada.

Sou DDA. “Nunca conseguia terminar nada o que eu queria” Em 2001, escolhi Brasília vim atrás de um namorado e comecei a minha vida sozinha. Comecei do zero a construir a minha vida! Me identifiquei com Brasília....

Foi quando eu estava estabelecendo a minha vida, apareceu esse homem, o Renato, na embaixada, no meu primeiro trabalho aqui. Foi paixão imediata! Na primeira semana ele já estava dormindo na minha casa e eu achei ótimo. E foi os 4 meses que ele começou a agredir pessoas, quebrou um copo no var uma vez e um celular e também a esconder coisas da vida dele. Eu provocava a reação nele, e ele me bateu. Começamos a jogar. Pensei: “ Que homem ruim!” . O nosso relacionamento era um jogo, de ação e reação, choros, brigas e delegacias de polícia.

Engordei 30 quilos. Eu só chorava.....fui engordando. Fui atrás para saber sobre compulsão alimentar. A ligação da minha relação doentia com a compulsão. Não consigo comer uma bala, tem de ser o pacote inteiro....

Fui no MADA e fui me identificando com o processo. Fui relendo a minha infância, meu pai era muito jovem para assumir essa paternidade. Coitada da minha irmã!

Com o pai da Júlia, a caçula, vivi um processo exatamente o mesmo a uma briga igual a dos meus pais. Ele tinha a personalidade “Jack and Hid” as mesmas características da minha mãe. Ele lutas marciais.

“Me senti abandonada pelo meu pai!”

Já estou separada a 1 ano e hoje costumo preservar as regras, seguindo o programa, meditando, lendo...

Eu agora sou a pessoa mais importante. Descobri que sou uma pessoa compulsiva, se eu não praticar a de alimentar eu vou praticar a compulsão por bebida, se não tiver a de bebida vou praticar a compulsão por sexo. Não basta uma vez, quero várias vezes.... Para comprar também, hoje comprei essa saia (mostrando com as mãos uma saia de flores) mas tive de comprar 3 dessas igualzinhas e a blusa também. Não consigo comprar só uma, tem de ser 3. Aliais, 3 é meu numero!

## **2) Que conceito de mundo você possui sobre sua experiência de vida?**

“O mundo é impermanente!” E que a gente tem de ser feliz adaptando-se a essa impermanência.

## **3) Como você tem vivenciado essa experiência da Mulher que Ama Demais?**



“Perdi os cabelos, perdi as unhas, cansaço, desanimo, depressão...eu só consigo viver se estiver em recuperação. Tenho conseqüências físicas muito sérias, ultrapassa de emocionais....

**7) Fale-me sobre um fato que você se sentiu inferior, machucada?**

“ Todas as situações de relacionamento na minha vida eu me sentia inferior. Dês da família, até dos namorados. Não me lembro da minha infância de ter recebido um elogio, de alguém me dizer que eu era especial. Minha irmã me denegria, me chamava de gorda e fedorenta...(ria com os olhos cheios de água) Após a entrada no MADA, comecei a receber elogio dos amigos.

Tenho um relacionamento distante com o meu filho. Não consigo me relacionar com a figura masculina. Já com minha filha sou neurótica porque ela não me acolhe. Com o Vitor sou ausente e distante....

**Apêndice IV****ENTREVISTA****A compulsão na vida das Mulheres que Amam Demais**

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Início: \_\_\_\_\_

Término: \_\_\_\_\_

Duração: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_**Dados Pessoais:**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_

Grau de Escolaridade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Tempo de trabalho: \_\_\_\_\_

Renda Mensal: \_\_\_\_\_

## Apêndice V